

O BRASIL AGRÍCOLA

FEVEREIRO/2008 - Nº 710 - ANO 64 - R\$ 9,80 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



Caderno Cana
*Responsabilidade Social
nos canaviais*

Milho
*Hora de ganhar o
mundo*

As vantagens de guardar a safra na fazenda

Armazenagem

ANÚNCIO

ANÚNCIO

16 REPORTAGEM DE CAPA

Armazenagem: os desafios para ter o próprio silo



24 INFORMÁTICA
A importância do micro no campo

30 PALMA
A Paraíba tem uma rainha

27 MERCADO GLOBAL
Oportunidades para o milho brasileiro



Luca Rossi

32 TRIGO
O setor em busca de apoio



Embrapa Trigo

SEÇÕES

6 O SEGREDO DE QUEM FAZ
Kátia Abreu, senadora do DEM de Tocantins

66 PONTO DE VISTA
Flavio Prezzi, presidente e CEO da Arysta LifeScience

- | | |
|---------------------------------|--|
| 9 Vitrine | 47 Plantio Direto |
| 10 Primeira Mão | 50 Agribusiness |
| 12 Aqui Está a Solução | 54 Flash |
| 14 Cartas, fax, e-mails | 56 Biodiesel |
| 15 Na Hora H | 58 Novidades no Mercado |
| 42 Agricultura Familiar | 59 AgroOportunidades |
| 44 Eduardo Almeida Reis | 60 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira |
| 46 Notícias da Argentina | 62 ClassiRural |

CADERNO CANA

37 RESPONSABILIDADE

São tempos de responsabilidade socioambiental

40 EXPORTAÇÕES
Por enquanto, muita conversa



ANÚNCIO

A DAMA DE FER



Dynalgação

A imagem dócil com a neta Maria Eduarda no colo não é exatamente a única representação da senadora Kátia Abreu (DEM/TO). No Senado é uma das mais duras vozes em defesa do produtor e da agricultura. Sobretudo quando o assunto é (falta de) condições de transporte e logística. Psicóloga de formação, mãe de três filhos, a senadora, que recentemente foi decisiva para acabar com a CPMF (como relatora da emenda que prorrogava o imposto), tornou-se fazendeira aos 25 anos de idade, em 1987, após a morte do marido. Mais tarde, assumiu o sindicato rural de Gurupi/TO e a Federação da Agricultura do Tocantins, antes de tornar-se deputada federal em 2000 (era suplente), reeleita em 2002, e senadora em 2006.

*Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com*

RO DO SENADO

A Granja — O endividamento é hoje um, se não o maior, problema do produtor no curto prazo. Existe uma forma de solucionar este entrave sem prejuízo para o Estado e que seja viável ao produtor?

Kátia Abreu — Se você for avaliar a questão da porteira para dentro e da porteira para fora, temos duas condições bastante diferentes. Da porteira para dentro há um produtor eficiente, que tem aplicado a tecnologia adequada e procurado se modernizar. Agora, quando saímos da porteira, onde começa a responsabilidade do Estado brasileiro, é onde se começa a tirar a nossa rentabilidade e o nosso sucesso nessa aplicação de tecnologia e eficiência. Por exemplo, a logística, que é função e obrigação de quem? Ou diretamente o Estado deveria fazer, ou privatizar. Veja que 10% das estradas brasileiras estão asfaltadas, mal asfaltadas, os quilômetros de ferrovias de 30 anos para cá foram reduzidos quase à metade ou mais, e o investimento em hidrovias é zero. Hidrovia é o meio de transporte mais eficiente e mais barato para a produção. Além disso, você compara a nossa carga tributária a países concorrentes e vê que nós temos uma carga de primeiro mundo, de países europeus, onde a vocação não é agropecuária. Então, você vai concorrer com a China e com os EUA, onde há um subsídio pesadíssimo. É US\$ 1 bilhão ao dia de subsídios para produtores de EUA, Canadá, Japão e Austrália juntos. Então, esta série de intempéries o Governo tem que levar em consideração. E nós, talvez por incapacidade própria do setor, nestas horas temos dificuldades de comunicação com a imprensa. Ah, quando ganham um dinheiro querem o dinheiro para o lucro; quando perdem, querem que o Governo banque... A agricultura é um setor altamente sen-

sível. Uma indústria a céu aberto. Não é feito uma indústria de carros que funciona direitinho debaixo de chuva e de sol, que, se houver uma crise, dá férias coletivas ou reduz em 20% a produção. Nós estamos falando de agricultura. Um ano de perdas na agricultura são 12 meses irreparáveis, irrecuperáveis. Não temos o direito de trabalhar com a cabeça. No meu Estado se diz “trabalhar com a cabeça e com o juízo”. Por exemplo: o mercado está ruim? Está. Então, vamos plantar menos área. Mas se nós fizermos isso, tem outra lei, a da Reforma Agrária, que vem e nos toma a terra. Somos obrigados a produzir, com prejuízo ou não, em 80% da nossa área. Ou eu produzo em 80% da área ou sou desapropriada. São estas questões que têm prejudicado o nosso agronegócio. Assim mesmo, com a supersafra, garantimos no ano passado o superávit da balança comercial. A produção vai bem, obrigada, e o produtor vai muito mal, infelizmente.

A Granja — Mas neste caso da logística, quais são as saídas a curto prazo, sobretudo aquelas que atingem diretamente o agronegócio?

Kátia — Não se investe nada em estrada... China e Estados Unidos são o inverso do Brasil. Nos Estados Unidos, 60% da produção é transportada via hidrovia. Aqui não chega a 10% e olhe lá. O transporte hidroviário tem um custo muito mais barato. É uma concorrência desleal que o Governo impõe a nós, produtores rurais. Ele não está fazendo a sua parte. Eu sei que o Tesouro brasileiro é muito menor que os demais. Então, mais um motivo para que nós pudéssemos apressar as Parcerias Público-Privadas (PPP), as privatizações, deixar que o talento do empresariado brasileiro possa agir, tra-

balhar. Mas o Governo não tem condições de fazer, não tem administração, não tem projeto. Eu disse ao ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, que se um dia eu fosse ministra da Agricultura ou Presidente, eu queria ser reconhecida como Presidente ou ministra das hidrovias. Seria o maior ganho que o País poderia ter, não só para o agronegócio, mas para todo o transporte brasileiro.

A Granja — A senhora tem várias iniciativas para a implantação de hidrovias. Por que o Brasil, com tantos rios que cortam seu território, usufrui tão pouco deste sistema de transporte?

Kátia — Não tem planejamento estratégico. O País não tem visão estratégica. É tão óbvio que chega a ser ridículo. Um dia destes um editor de um jornal importante, que é meu amigo, me disse: “Kátia, eu só vejo você falar nisso”. Eu falei “você está certo”. Só eu estou falando neste assunto. Ninguém mais fala. Eu nem soja estou plantando (*risos*)... então, é uma questão de consciência. O produtor não conhece uma eclusa. Ele fica preocupado só com o real, o que está na frente dele. Ele não está conseguindo pagar o banco, mas não sabe identificar o porquê. Quem tem que saber disso é o planejamento estratégico de Governo. O produtor está perdendo mais porque não tem transporte, porque os portos do Brasil são alguns dos mais incompetentes do mundo, porque está se transportando tudo em estrada – e estrada que só tem buraco. Além de imposto em cima de imposto. O que acontece? Enquanto ao seu deputado ou ao seu senador o produtor só sabe dizer o que é real na vida dele: “Deputado, eu não consigo pagar a minha conta...”. É isso que ele consegue dizer; não consegue explicar o porquê.

O produtor está perdendo porque não tem transporte. Os portos do Brasil são alguns dos mais incompetentes do mundo. Transporta-se tudo em estrada – e estrada que só tem buraco.

A Granja — Quanto à infra-estrutura, o Governo anunciou com pompa, um ano atrás, o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) para contemplar grandes e estratégicas obras de logística para o setor. O que existe de concreto até o momento?

Kátia — O PAC vem apenas reforçar o que estou dizendo. A quantidade de recursos previstos no PAC para a construção de rodovias é um absurdo em comparação, é claro, ao previsto para hidrovias. Para as hidrovias chega a ser ridículo. A não ser em Tucuruí/PA, mas não é por causa do agronegócio e sim por conta do ferro gusa no Pará, da extração de minério, onde está impossível o transporte. Depois de anos e anos da construção da hidrelétrica de Tucuruí, vão fazer eclusa. Quanto a ferrovias, estão fazendo a Norte-Sul no meu Estado. Mas ao fazer a privatização, ao invés de um leilão pelo preço mais baixo, o Governo cobrou R\$ 1,4 bilhão da empresa que vai construir, mas esta vai tirar dinheiro de onde? Claro que é do frete. E quem vai pagar? É uma estratégia de logística que ninguém compreende. O rio Madeira, por exemplo, de Porto Velho/RO até Belém/PA, não precisa nem de eclusa, pois já nasceu pronto. Agora, de Rondônia, em direção aos outros quatro países vizinhos, poderia ter duas eclusas, proporcionar quatro hidrovias e permitir uma integração regional, que é a idéia do Brasil, mas vão construir as duas hidrelétricas sem eclusas. Nos Estados Unidos tem o Rio

Mississippi, propagado em prosa e verso no mundo inteiro. Apenas no Centro-Oeste brasileiro nós temos três “Mississipis”. O Rio Madeira, que sai de Rondônia; o Tocantins, no meu Estado, que na ponta divide com o Maranhão e sai pelo Pará afora; e o Tapajós, que está na divisa com o Mato Grosso, Pará e Amazonas. Estes rios podem desafogar toda a produção do Mato Grosso. Hoje, esta produção praticamente inteira está indo para o Porto de Paranaguá/PR, que além de incompetente, é incapaz para abrigar todo este volume.

A Granja — A senhora também defende um “PAC Rural”? O que seria este “PAC Rural”?

Kátia — Não é uma defesa do “PAC Rural”. Estas coisas a gente tem que dividir. O que nós precisamos é de logística neste momento. Este é o ponto crucial. O segundo ponto é a carga tributária. Precisamos lutar com bastante força contra esta carga tributária. Outra questão é como um país deste tamanho, sem nenhum controle da produção, não tem abertura de novos mercados. Há muitos anos o Brasil representa 0,4% de tudo o que a União Européia compra no mundo. A China está com 5,5%, e tinha muito menos que nós. O que o Itamarati está fazendo para abrir novos mercados para que a gente possa produzir e exportar. Assim mesmo estamos fazendo bonito, pois estamos exportando muito. Nós é que estamos equilibrando a balança comercial.

A Granja — O governo acena com novos índices de produtividade a propriedades agrícolas para fins de desapropriação para reforma agrária. A senhora tem se mostrado muito crítica em relação às propostas. Por quê?

Kátia — Só aqui no Brasil tem uma fruta que se chama jabuticaba. Não tem em lugar nenhum do mundo. O Governo gosta de ficar inventando outras “jabuticabas”, que só existem no Brasil, como a CPMF, o índice de produtividade, a reserva legal. Índice de produtividade não é uma coisa inteligente. Quer dizer que eu não posso agir de

forma estratégica, mercadológica, inteligente. De repente, na minha região, resolvemos reduzir uma área plantada, mas eu não tenho este direito. Sou obrigada a ter este prejuízo ao plantar 80% da minha área, senão levam a minha terra por meio do Incra. O índice de produtividade é um cálculo tão pouco inteligente que não existe em nenhum outro lugar do mundo. É como se fosse uma espada de Dâmoçles na cabeça do produtor rural. Uma ameaça constante ao direito de propriedade, cláusula pétrea da Constituição, e que traz insegurança jurídica. Imagine um empresário estrangeiro que quer arrendar ou fazer uma *joint venture* com você no Brasil. Você diz “somos obrigados a plantar 80%”. Mas aí ele responde: “Como é que é!? Quer dizer que se quisermos reduzir a produção para ter mais lucro e mais competitividade eu não posso? Até logo...” No Brasil inteiro são 5 milhões de proprietários rurais e só existem 200 considerados latifúndios legalmente. Uma terra abandonada, grilada e sem dono eu concordo plenamente com a ocupação. Legalmente ocupada, desapropriada conforme a lei e que se possa colocá-la em produção. Que seja agricultura familiar ou grandes projetos. Mas não podemos desperdiçar terra no Brasil. Hoje o agronegócio tem se potencializado tanto que é difícil encontrar estas áreas abandonadas. Você acha muito mais produtores com falta de crédito. Podemos encontrar várias fazendas que são improdutivas hoje porque não conseguiram tomar crédito por causa do endividamento. Estas pessoas merecem ser desapropriadas? Ou é uma circunstância momentânea? 

Nos Estados Unidos, 60% da produção é transportada via hidrovia. Aqui não chega a 10% e olhe lá. O transporte hidroviário é muito mais barato.



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann

**MATRIZ**

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mails@agranja.com
Home page: www.agranja.com

DIREÇÃO EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO**Editor**

Leandro Mariani Mittmann

Reportagem

Denise Saueressig

Editoração

Gustavo Meneghetti e Jair Marmet

Foto de Capa

Cristiano Sant'Anna

Produção da capa

Gustavo Meneghetti

Revisão

Jorge Sant'Ana

Estagiário

Bruno Pacheco

ASSINATURAS**Gerente de Operações**

Amália Severino Bueno

Gerente de RH

Fabrizio dos Santos

Circulação

Jorge Luis Oliveira Ribeiro

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)

Porto Alegre - Maria Cristina Centeno

(gerente RS/SC)

ClassiRural - Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais - José Maria Neves

Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222

conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530

Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)

3297-8194 - fone: (31) 3344-9100

celular: (31) 9993-0066

e-mail: josemarianeves@uol.com.br

Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.

SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa

13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900

Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440

celular: (61) 9618-1134 - e-mail:

armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus,

registrada no DCDP sob

nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,

Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus

CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS

fone/fax: (51) 3233-1822

Exemplar atrasado: R\$ 10,00

Para assinar: (51) 3232-2288

MAIS QUE SILOS CHEIOS, SILOS PRÓPRIOS

A colheita que acaba de começar será a maior ou uma das maiores que o País já teve. Parabéns produtor, obrigado São Pedro. Mas será que esta não é a hora de se começar a resolver um gargalo histórico da agricultura brasileira, o déficit de armazenagem em nível de fazenda? O nosso produtor tem menos estrutura doméstica de armazenagem que o colega argentino! Não dá para perder este jogo. Por isso, a nossa reportagem de capa aborda justamente esta questão. Aponta por que não é nada fácil investir pesado numa estrutura de armazenagem, mas também esclarece as vantagens que um silo no pátio propicia ao produtor. Ou grupo de produtores, pois contamos a (bem-sucedida) história de um condomínio de agricultores que levantou uma gigantesca estrutura para guardar suas safras.

Mas manter em casa a safra não deve ser a proposta do segmento de milho. Um artigo exclusivo do presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), Odacir Klein, esclara-

rece que é chegada a hora do milho verde-amarelo ganhar o mundo. Os americanos vão perder um espaço generoso nas exportações, e esta fatia tem que ser assumida pelo Brasil.

O que não pode deixar de ser do Brasil é a responsabilidade social e ambiental na produção de cana. Ou muitos mercados se fecharão para o nosso etanol. Pode até ser mais uma alegação européia para tornar ainda mais protecionista esse mercado, mas o segmento precisa abrir o olho. E fazer seu dever de casa.

Por falar em dever de casa, obrigado ao leitor semanal da Agronews, a newsletter da revista **A Granja**, pela sua disposição em votar e escolher a sua reportagem preferida. Teve a preferência de 66% dos votos e está publicada nesta edição a matéria que trata da importância da informática no dia-a-dia da fazenda. Já está no ar uma nova votação. Faça a sua assinatura da Agronews (www.agranja.com) e escolha o tema que mais lhe interessa.

Boa leitura!



2008 de ouro

A renda "antes da porteira" projetada para 2008 é de R\$ 127,3 bilhões, segundo um cálculo do Ministério da Agricultura. A estimativa é 6,8% superior à do ano passado, que registrou R\$ 119,2 bilhões. Esse valor é o terceiro maior dos últimos 20 anos, perdendo apenas para 2003 e 2004, quando o câmbio estava bastante favorável às exportações.

A soja deve crescer 12% (R\$ 32,4 bilhões). O milho e a cana disputam o segundo lugar entre os produtos mais rentáveis. A receita do cereal atingirá R\$ 19,3 bilhões, 15,6% mais que em 2007.



2008 de ouro II

O aquecimento da economia mundial, que fez aumentar a demanda por alimentos (sobretudo na Ásia), e a produção de biocombustíveis fizeram com que os grãos estivessem entre os produtos agrícolas que mais se valorizaram em 2007. E, segundo analistas, para 2008 as perspectivas são de que sigam na liderança. Em 2007, o campeão foi o trigo, com alta de 75,79%, seguido pela soja, com 74,15%. E a oleaginosa deverá permanecer com preços elevados em 2008, assim como o milho, mas este com volatilidade.

Vinho made in cerrado

O primeiro vinho fino produzido no cerrado brasileiro será lançado neste mês. O produto é resultado de parceria entre a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) e a Fazenda Salvaterra, em João Pinheiro, no Noroeste do Estado. Segundo o pesquisador Murillo Albuquerque, da Epamig, a bebida tem três importantes fatores. A fabricação mostra o potencial da região para cultivo de videiras para produção da bebida, nova alternativa para geração de renda e mão-de-obra especializada.



Epamig



100 mil agricultores em ação

Atualmente, segundo o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), cerca de 100 mil agricultores familiares estão inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Eles e suas famílias produzem matérias-primas como a mamona, dendê, girassol, soja e amendoim. Isso é resultado da obrigatoriedade a partir do mês passado da adição de 2% de biodiesel no diesel. O MDA estima que a renda familiar com produção de mamona no Nordeste, grande parte no Semi-Árido, está entre R\$ 1.320 e R\$ 7.140 por ano, em áreas de plantio de dois a sete hectares.

Mais tecnologia, menos água

Pesquisadores da Universidade da Califórnia (EUA) obtiveram plantas geneticamente modificadas que podem sobreviver à seca e crescer com 70% a menos do volume de água usado nas variedades convencionais. Os cientistas suprimiram a "programação de morte" das células das folhas de fumo para que pudessem sobreviver à seca a partir da inserção de um gene que controla o nível de citocinina, hormônio vegetal que promove a divisão celular em tecidos jovens. A introdução do gene que codifica para o aumento dos níveis de citocinina em tecidos estressados interrompeu a cadeia bioquímica de eventos que normalmente levam a perda de folhas pelas plantas durante a seca.



Divulgação

PhD em cana

Já começaram as aulas na Universidade da Cana, no Centro Canagro José Coral, em Piracicaba/SP. O curso é de pós-graduação em Gestão e Tecnologia Sucoalcooleira e tem por objetivo promover o desenvolvimento de visão integrada da cadeia da cana, além de competências gerenciais e habilidades comportamentais a jovens recém-formados em agronomia. A Universidade da Cana é um projeto da FMC Agricultura Products, em parceria com a Fafra - Faculdade Dr. Francisco Maeda, além de pesquisadores do setor.

Kepler Weber com novo executivo

A Kepler Weber começa 2008 com novo diretor comercial. É o engenheiro metalúrgico Wilfried Reinhardt Toth, 50 anos. Toth já atuou em empresas como Constantin do Brasil, Bollhoff Service Center, Faurecia Sistemas de

Escapamento do Brasil, Faurecia Industrie (na França), Greenconsult Engenharia e Empreendimentos, Kibo e Anglo American Brasil. Sua última formação é o MBA Business Administration, pela FGV do Rio.



Divulgação

Na Espanha...

A adoção do milho geneticamente modificado resistente a pragas (tecnologia Bt) completou dez anos na Espanha. E expande-se a cada safra. De 2006 para 2007, a produção de milho teve crescimento de 40%, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação espanhol. Do total cultivado, 20% já correspondem às 42 variedades do milho Bt, resistente a pragas, o que evidencia o crescimento do cultivo, pois em 2006 esse índice era de apenas 15%. A Espanha é hoje o principal produtor de milho geneticamente modificado na União Européia.



Enquanto no Brasil...

O presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), Odacir Klein, comemora a suspensão em janeiro da liminar que impedia a autorização de liberação comercial das variedades de milhos geneticamente modificados, aprovados para comercialização pela CTNBio. "Não era sem tempo que uma decisão corajosa viesse para colaborar com os produtores brasileiros. O Brasil precisa ganhar produtividade para a produção de milho, tanto para abastecer o mercado interno como para poder conquistar novas posições no mercado internacional", argumentou Klein.

Lavouras a perder de vista

Os resultados preliminares do Censo Agropecuário de 2006 revelam que a área de lavouras no Brasil aumentou 83,5% em relação ao Censo de 1996, enquanto a de pastagens reduziu-se em 3%. O Censo aponta a substituição das áreas de pastagem por lavouras por causa da progressiva inserção do País no mercado mundial de produção de grãos (especialmente a soja) e da intensificação da pecuária. Também houve aumento de 7,1% no número de estabelecimentos agropecuários, redução de 8,5% do pessoal ocupado e aumento dos principais rebanhos: bovinos (11%), suínos (14,9%) e aves (73,2%).



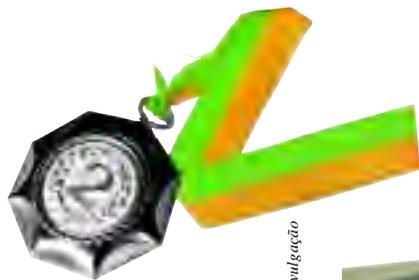
Frete pega carona

A cotação da soja sobe e a do frete também. No pico da safra passada, os embarques feitos em Sorriso/MT para o Porto de Paranaguá/PR (2.179 quilômetros) custaram entre R\$ 180 e R\$ 200 por tonelada. Neste ano, alguns dos contratos para este itinerário já têm sido acertados por R\$ 220 ou até R\$ 230. E tendem a subir para quem ainda não contratou o transporte. A depreciação das rodovias e o aumento do petróleo são as justificativas para o aumento.

Rumo ao topo

E a partir do maior consumo do B2, o Brasil poderá saltar da condição de quarto para a de segundo maior produtor mundial de biodiesel, superando Itália e França, mas permanecendo atrás apenas da Alemanha.

Segundo o Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, a produção de 2007 foi de 450 milhões de litros e chegará a 850 milhões neste ano. De acordo com o ministério, entre



60% e 70% do biodiesel brasileiro é produzido atualmente a partir do óleo de soja. Sebo animal e mamona respondem por cerca de 10%, cada, e o restante é dividido entre culturas ainda sem produção intensiva.



Emater

Gostaria de saber em quanto é estimado o custo de produção para a lavoura arrozeira do Rio Grande do Sul na safra 2007/2008. Obrigado.

Elton Bonato
Itaqui/RS

R- Caro Elton, o custo de produção da lavoura arrozeira diminuiu 0,6% em relação a novembro de 2006 e os produtores gaúchos devem gastar R\$ 26,28 para produzir uma saca do cereal na safra 2007/2008. Os dados apurados pelo Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga) in-

CUSTOS DO ARROZ

dicam uma ligeira variação dos custos nas últimas cinco safras, com o valor se mantendo entre R\$ 25 e R\$ 30. No período 2006/2007, cada saca era produzida, em média, a R\$ 26,44. Alguns itens tiveram aumento em comparação com 2006, como adubos de base e cobertura (+21,35%), agroquímicos (+17,27%), os juros (+55,24%) e o frete, que teve uma alta expressiva de 60%. Considerando que a inflação no período foi de 6,6%, o custo de produção não sofreu grandes variações. Um dos itens com maior participação é a irrigação, que representa 9,4%

do total. Em seguida, vêm os juros sobre capital próprio do custeio agrícola, com 7,2%. Na pesquisa são analisados itens como, por exemplo, preparo do solo, aplainamento, drenagem, semente, transportes internos, secagem, estradas e instalações elétricas. Para o presidente do Irga, Maurício Fischer, os novos valores poderiam ser menores, não fosse o aumento de energia elétrica, adubos, agroquímicos e da mão-de-obra. “O custo de produção estável já era esperado, mas alguns insu- mos essenciais para a lavoura de arroz subiram”, relata.

PERCEVEJOS NA SOJA

Quais os riscos do ataque de percevejos na lavoura de soja que se encontra em estágio inicial de desenvolvimento?

Clécio Garbin
Camapuã/MS

R- Segundo a Embrapa Soja, o aparecimento de níveis elevados de percevejo marrom e de percevejo verde-pequeno antes da formação das vagens de soja não representa um problema grave. O ataque durante a fase vegetativa e no florescimento não provoca danos significativos na soja, explica a pesquisadora Beatriz Correa Ferreira, da equipe de entomologia da Embrapa Soja. A incidência populacional na fase inicial é decorrente do deslocamento dos percevejos dos locais onde esses insetos passaram o inverno (percevejo marrom na palhada e o percevejo verde-pequeno em plantas hospedeiras) para as plantas que estão verdes, como a soja. Segundo a pesquisadora, só é possível dispensar o controle desses percevejos nessa fase inicial de im-

plantação da cultura, porque nesse período também é comum a presença de um elevado número de inimigos naturais dos percevejos nas lavouras. O agricultor deve, entretanto, ficar muito atento ao nível de infestação de percevejo quando a soja entrar na fase de canivetinho, período em que as vagens começam a se desenvolver. Se a população de percevejos persistir e estiver com dois insetos (adultos+ninfas) por metro de fileira de plantas é necessário fazer o controle químico. A partir da fase de canivetinho, o acompanhamento da população dos percevejos por meio do monitoramento semanal é fundamental, pois evitará prejuízos nos períodos seguintes. Mais informações podem ser obtidas no site www.cnpso.embrapa.br/alerta.

A Granja

EFEITOS DO LA NIÑA

Estou fazendo uma pesquisa sobre as conseqüências do clima na agricultura e gostaria de entender um pouco mais sobre o La Niña e seus possíveis reflexos na ocorrência de chuva nessa safra. Desde já, muito obrigado.

Cláudio Carvalho Brito

Goiânia/GO

R- Prezado leitor, o atual fenômeno La Niña (águas frias no Oceano Pacífico equatorial), que tem intensidade moderada, se estenderá por todo o verão. Segundo o pesquisador Williams Ferreira, da Embrapa Milho e Sorgo, o fenômeno provocará revezamento de períodos com muita chuva em umas regiões e ausência total em outras. A previsão é de que a Região Norte do País apresente índice de precipitação acima da média no decorrer do período em relação aos últimos anos. As temperaturas sofrerão alterações, a umidade relativa do ar cairá em parte dos Estados da Bahia e de Minas Gerais e ficará maior nos Estados do Norte. O pesquisador explica que terá maior frequência de veranicos, períodos caracterizados por forte insolação, temperatura mais elevada, calor intenso e baixa umidade relativa do ar. “Os veranicos prejudicam a agricultura, afetam diretamente a produtividade das culturas,

principalmente quando se dão na fase em que a planta é mais sensível ao déficit hídrico”, destaca. Há 60% de probabilidade de ocorrências acima da média normal do verão na área acima da região do Cocal e em toda a região dos rios Madeira e Mamoré, no Estado de Rondônia. O mesmo deve ocorrer na região de Itaituba e em todo o Baixo Amazonas, no Pará, e nos Estados do Amazonas, Acre, Roraima e Amapá. Já na região dos vales dos rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha, em Minas Gerais, e nas regiões Sul e Centro-Sul da Bahia, as chances de chuvas abaixo da média normal do período são de até 20%. As demais regiões brasileiras apresentam, aproximadamente, 20% de probabilidade da ocorrência de chuva na média normal do período. O meteorologista Paulo Etchichury, da Somar Meteorologia, acrescenta que, no Sul, o La Niña está associado a chuvas abaixo da média e risco de estiagens durante o verão. “Analisando os dados de produção, é possível perceber que em anos de La Niña há a redução do potencial de produção de grãos, especialmente nas lavouras de soja e milho”, afirma. Entre as conseqüências do fenômeno, ainda destaca-se o atraso do retorno das chuvas sobre o Sudeste e o Centro-Oeste do País.

O BRASIL AGRÍCOLA

agranja

À sua disposição

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis

0800-5410526

Grande Porto Alegre

Fone/Fax: (51) 3232-2288

Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30

Sábado, das 9h às 14h

INTERNET

www.agleiloes.com.br

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a

semana: 0800.541.0526

ou no site: www.agranja.com

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:

mail@agleiloes.com.br

Fax:

(51) 3232-1822

Curtas:

Av. Getúlio Vargas, 1.526

Porto Alegre/RS

CEP 90150-004

As curtas devem conter assinatura, RG e telefone do autor.

Por motivo de espaço ou clareza, as curtas poderão ser publicadas de forma reduzida. São poderão ser publicadas na edição seguinte as curtas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis

0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288

amalia@agleiloes.com.br

ou www.agleiloes.com.br

PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488

mailsp@agleiloes.com.br

mail@agleiloes.com.br

HISTÓRIAS EXEMPLARES I

Muito revelador o especial da edição de janeiro “Eles Fazem o Agronegócio Brasileiro Acontecer”. Fico satisfeito em ver empreendedores que ajudaram e ainda ajudam a fazer este País. Em tempos em que o noticiário passa o dia relatando atos covardes e indignos de tanta gente, nada mais alentador do que ler histórias de pessoas que só pensam em construir. Ao saber da história deles, entendo por que este País tem uma agricultura tão pujante.

Maicon Dal Pray
Caldas Novas/MG

ESCOLHA SUA MÁQUINA

Gostei da seção “Escolha Seu Trator e Sua Colheitadeira”, mas sugiro que seja feita mensalmente, com preços de usados de todas as marcas e modelos, além da participação no mercado de cada marca e os mais vendidos mensalmente por modelo. Conforme feito por revistas de automóveis.

Giancarlo Spagnolo
Jaguari/RS
g.spagnolo@terra.com.br

Prezado Giancarlo, a seção “Escolha o Seu Trator e Sua Colheitadeira” será publicada em todas as edições da revista, sendo que os preços serão atualizados mensalmente. E sua sugestão será analisada. Obrigado pela participação.



HISTÓRIAS EXEMPLARES II

Quem bom saber que megaempresas multinacionais também se preocupam com o desenvolvimento das comunidades em que estão inseridas (“Investimento em Responsabilidade”, edição 708). Para muitos, estas indústrias estão no País apenas para lucrar. Por isso, me é muito importante saber que além de buscar o lucro, o que é esperado de qualquer empresa, empresas de máquinas e insumos também buscam a melhoria de vida de tantos.

Tereza Bitencourt
Uberlândia/MG



Única

PRODUZIR SEM DESTRUIR

Gostei da opinião do ex-ministro Roberto Rodrigues (O Segredo de Quem Faz, edição 709), quando ele diz que os destruidores da natureza na agricultura compõem uma “minoridade insignificante de produtores que não cumprem a legislação”. Realmente, meia dúzia de idiotas provocam um dano imensurável ao produzir sem preservar. Aí vêm estas ONGs radicais, sobretudo as européias e americanas, sabe-se lá com que interesses obscuros, e acabam com a imagem do agronegócio brasileiro no exterior. Dizem que tudo por aqui é gerado com mão-de-obra infantil, derrubando matas nativas e assim por diante. Portanto, as autoridades brasileiras devem combater com dureza aqueles que não seguem as leis de preservação dos recursos naturais.

Pedro Herbert
Guarapuava/PR

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

O BRASIL TEM UMA DÍVIDA ENORME COM TRÊS HOMENS

SEM ELES NÃO ESTARIAMOS BATENDO RECORDES DE PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

O Brasil também tem os seus heróis. Alguns nem tão heróis assim, ainda que tenham se tornado com rapidez nomes de ruas, praças e até cidades. Realmente, a História é contada pelos vencedores. E há ainda os notáveis contemporâneos, os heróis da mídia, que estão no noticiário dia após dia por ações nem um pouco dignas. Vide Fernandinho Beira Mar, João Pedro Stedile, as Farcis, Renan Calheiros e assim por diante. A lista é imensa, do Oiapoque ao Chuí, passando, é claro, pelo Planalto Central. Mas e os heróis anônimos, aqueles de rala atenção da imprensa cotidiana, aqueles que nunca ou raramente recebem reconhecimento público? Por que nunca aparecem nos jornais nacionais? E são muitos, nas mais diversas atividades.

A agricultura igualmente pode incensar os seus heróis (os de verdade). Homens e mulheres que fizeram da Nação esta reconhecida potência agrícola. Fica muito difícil apontar os mais importantes, mas não seria um equívoco listar três nomes: Herbert Bartz, Nonô Pereira e Frank Dijkstra. Os três paranaenses estão na gênese do plantio direto na palha no Brasil, o sistema que salvou a agricultura deste País de um colapso chamado erosão. São inúmeros e, felizmente, de domínio generalizado da mai-

oria, as vantagens do sistema de plantio que não mexe com o solo e assim o eterniza para cultivos agrícolas. A agricultura brasileira seria outra não fosse a implantação do chamado “SPD” no iní-

Bartz, Nonô e Dijkstra são muito mais importantes para a agricultura brasileira do que se possa imaginar

cio dos anos 1970.

Bartz, de Rolândia, foi o precursor. E começou tudo com muita coragem, afinal chegou a ser chamado de louco ao implementar o plantio sem arados e grades. Uma afronta aos conhecimentos agrícolas daqueles tempos. Dois anos depois, nos Campos Gerais do Paraná, Nonô Pereira e Frank Dijkstra aderiram ao sistema. E estes trataram de difundir-lo pela região, Estado e País. Foi pela convicção e insistência deles que a técnica ganhou as lavouras do Brasil. Hoje, mais de 25 milhões de hectares são plantados desta forma, beneficiando as mais variadas culturas, de

soja a tomate, de milho a cebola. E, registre-se, a revista **A Granja** foi a primeira a falar em plantio direto na imprensa brasileira.

Bartz, Nonô e Dijkstra são muito mais importantes para a agricultura brasileira do que se possa imaginar. Felizmente, nos meios agrícolas, recebem as merecidas distinções. Seja pela imprensa especializada, seja pelas seguidas comendas conferidas a eles por instituições idôneas. Afinal, foram homens que acreditaram à época no desconhecido, mesmo com a desconfiança de tantos. Como se diz, “craque é aquele que acerta o alvo que ninguém atinge; gênio é aquele que enxerga o alvo onde ninguém o visualiza”. Bartz, Nonô e Dijkstra viram o alvo onde a massa não tinha a menor noção que existia. Nonô, por exemplo, na época investiu numa pesada e desajeitada plantadeira direta de escassos recursos, que precisou de muitos ajustes na oficina da fazenda para realmente realizar o plantio direto. Hoje, é referência internacional quando o assunto é plantio direto na palha. Recebe interessados de todos os idiomas. Dijkstra, holandês naturalizado brasileiro, tem na Fazenda Frankana um exemplo nacional de uma propriedade-modelo em cultivo, criação e gerenciamento. ■

A ARRANCADA DA

Depois dos difíceis anos recentes, o segmento industrial de estruturas de armazenagens visualiza safras bem melhores. O Brasil tem déficit em armazenagem em nível de fazenda quando comparado a americanos, canadenses e até argentinos. O investimento em silos é sempre o último da lista do produtor. Afinal, investir pesado e a longo prazo no País é sempre atemorizador

Glauco Menegheti

Júnior Utida, de Campo Novo do Parecis, noroeste de Mato Grosso, tem tudo o que qualquer agricultor do mundo cobiça. Este ano cultivará 4 mil hectares de soja, mais 1,5 mil de algodão. Não reduziu um só centímetro quadrado de área plantada durante os três últimos anos-safra – período em que o Estado, maior produtor de grãos do Centro-Oeste, sofreu muito diante da crise agrícola. No “quintal”, nada menos que uma estrutura de armazenagem com capacidade estática para comportar 100 mil sacas lhe dá certa tranqüilidade numa região onde a logística ainda é motivo de

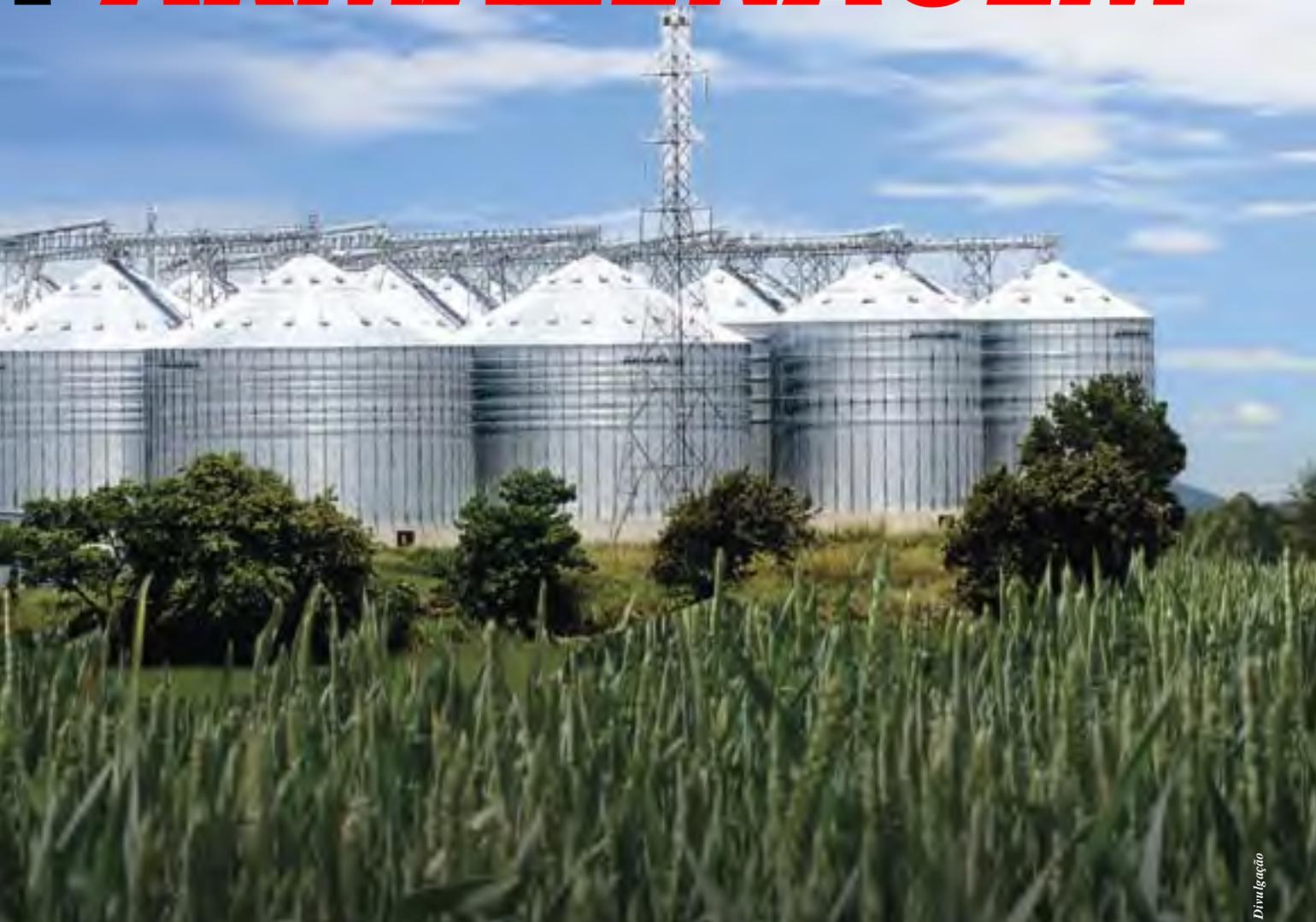
muita dor de cabeça para os seus pares. Fossem outros tempos, Utida estamparia um sorriso de orelha a orelha, já que em janeiro a saca de soja havia atingido o valor de US\$ 20 em Mato Grosso.

Mas, a despeito da estrutura de armazenagem – que abre a possibilidade de vender a produção num momento mais interessante – e dos preços excelentes, três anos de cotações discretas e um grande endividamento, cevado pela segunda maior taxa de juros do planeta, explicam por que o agricultor não está exatamente bem-humorado. Entre 70% e 80% do que colherá em abril já foram

vendidos ao preço médio de US\$ 12 e US\$ 13 – fatores que devem comprimir o lucro de sua operação. “Projetávamos obter uma margem líquida de 10%, mas provavelmente conseguiremos de 3% a 4%”, prevê o agricultor. Ele reclama também da alta dos preços dos insumos, com destaque para os fertilizantes.

Com esse resultado, Utida se dará por contente se puder pagar o custeio e as rolagens de dívidas passadas de custeio e investimento. Novos financiamentos, com horizonte de liquidação mais amplo, estão totalmente fora de seus planos. A estrutura de armazenagem ainda foi eri-

A ARMAZENAGEM



gida nos anos 1980, quando ele e os irmãos se viram obrigados a construir em função de uma logística ainda mais capenga que a atual. O comportamento de Utida é indício de duas questões que rondam a agricultura brasileira na atualidade: primeiro, que mesmo com preços excepcionais há ainda resistência por parte dos que estão por trás das porteiras das fazendas na retomada de investimentos de longo prazo; e segundo, que os efeitos benéficos de alta dos preços beneficia primeiro os que estão no topo da pirâmide de diferentes cadeias agroindustriais, tais como *tradings*, cooperativas e

cerealistas.

São as corporações que agora permitem que os executivos da indústria de silos e armazéns “tirem o pó” das carteiras de pedidos. Prevê-se que em 2008 o mercado de silos movimente algo como R\$ 400 milhões. O auge de investimentos em estruturas de armazenagem no Brasil aconteceu em 2004, quando R\$ 600 milhões foram investidos. O fundo do poço aconteceu em 2006, com aportes de R\$ 200 milhões.

Projetos antigos sobre a mesa — A inversão da maré estimulou de grupos empresariais brasileiros da área agrícola

a transnacionais, como as *tradings*, a tirar da gaveta velhos projetos de expansão ou construção. A reportagem d’A **Granja** descobriu que o ex-assentado e agora megaempresário Otaviano Pivetta, de Lucas do Rio Verde/MT, comprou em janeiro cinco unidades armazenadoras da Bunge que estavam fechadas, com capacidade para comportar 70 mil toneladas. Três delas estão localizadas no “nortão” de Mato Grosso, ao passo que as outras duas, nos municípios de Paranatinga e Tanhangá. De acordo com o gerente comercial do grupo na área de grãos, José Henrique Hasse, a operação

Divulgação

ampliou a capacidade estática de armazenagem do Grupo Vanguarda em 35%.

O movimento do empresário Pivetta é cirúrgico: a exemplo do Grupo Maggi, que lá pelas tantas abriu um braço como *trading*, também o Vanguarda aprofundará o trabalho de financiamento de insumos em troca de grãos. Quem também pretende surfar na onda da retomada é o GSI Group, com sede em Marau/RS. Segundo o coordenador dos projetos de armazenagem da empresa, Fabrício Ferrari, 2008 será marcado pela expansão da planta industrial. “A nossa capacidade de processamento de aço passará de 1.500 toneladas/mês para 4.500 toneladas/mês”, assegura Ferrari.

Em termos conjunturais, um dos motivos é que desde 2007 a fábrica operava no limite. Já em termos estratégicos, a expansão – que consumirá R\$ 20 milhões – faz parte do projeto da empresa de se tornar líder de mercado em três anos. Conforme o engenheiro, a nova fábrica passará a produzir secador de consumo energético 10% menor em relação aos que são encontrados no Brasil na atualidade.

A Kepler Weber, até 2006 líder de mercado, por pouco não teve que fechar as portas. Em 2004, o ano em que o caldo começou a entornar, com a súbita valorização do real e a queda de preço de

Segundo o diretor-presidente da Kepler Weber, Anastácio Fernandes Filho, a crise de 2006 quase levou a empresa a fechar a fábrica recém-inaugurada em Campo Grande/MS



Bruto Pacheco

algumas *commodities* agrícolas, foi o mesmo em que se inaugurou a fábrica de Campo Grande/MS. A planta dobrou a capacidade de processamento do grupo de 50 mil para 100 mil toneladas de aço/ano bem no momento em que ninguém mais queria realizar esse tipo de investimento. “Em 2006 foi preciso praticamente fechar a fábrica de Campo Grande, quando concentramos as operações na fábrica de Panambi/RS, mais versátil em relação à do Centro-Oeste”, diz o atual diretor-presidente, Anastácio Fernandes Filho. Na avaliação do gerente comercial da empresa, João Tadeu Franco Vino, 2007 marcou o início da retomada. Ela aconteceu especialmente por força dos aportes feitos por *tradings*, cooperativas e cerealistas, sobretudo da Região Sul.

Para a Joscil, 2007 marcou a retomada de uma situação operacional que inspirava cuidados. “No ano passado conseguimos faturar R\$ 22 milhões, depois de termos vendido apenas R\$ 8 milhões em 2006. Optamos por não dispensar a maioria dos funcionários, o que nos custou queimar boa parte das reservas financeiras”, afirma o diretor da empresa, Edson Schäfer. Ao contrário dos concorrentes, a estratégia da Joscil mira os pequenos agricultores, principalmente os que estão na Região Sul. Para Schäfer, o que prejudica o apetite dos produtores – sobretudo o de grande porte – em realizar investimentos em estruturas armazenadoras é o comprometimento dos limites de crédito nas renegociações de dívidas progressas.

Na avaliação de Schäfer, os agricultores familiares, principalmente os que possuem criações de pequenos animais e oriundos do Sul do País, onde os canais de escoamento dos produtos agropecuários são melhor azeitados, não se endividaram muito e se beneficiam dos bons preços dos grãos. “Para esses, uma máquina de pré-limpeza no valor de R\$ 30 mil a R\$ 35 mil permite uma qualidade de grãos melhor e o aproveitamento dos resíduos para ração”, avalia.



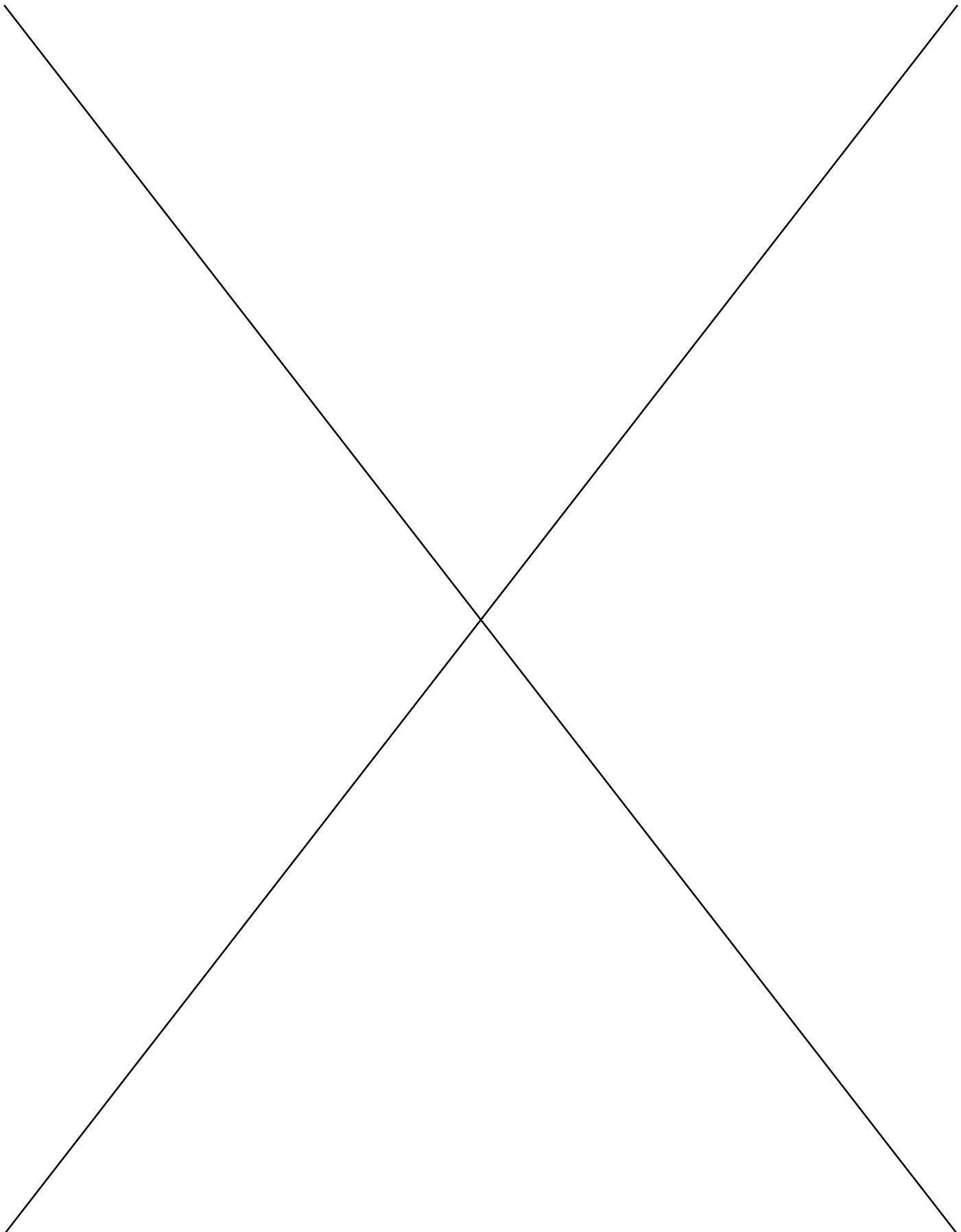
Divulgação

Edson Schäfer, da Joscil, revela que em 2007 a empresa faturou R\$ 22 milhões, depois de ter vendido apenas R\$ 8 milhões em 2006

Déficit de espaço — Antes de um infortúnio ou simples erro de gestão, o caso da Kepler Weber é resultado do quão errático tem sido o investimento em infra-estrutura e logística no País. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a capacidade estática de armazenagem no Brasil é de 115 milhões de toneladas e a previsão de uma colheita de 135,7 milhões de toneladas em 2007/08 revela um déficit de 18%. Outra característica é que, enquanto faltam armazéns no Centro-Oeste e Nordeste, as regiões Sul e Sudeste possuem relativa tranquilidade para acondicionar a produção.

“Para fazer frente ao crescimento médio de 3% da produção brasileira de grãos e fibras o investimento anual em novas estruturas de armazenagem precisaria ser 1,5 superior à capacidade atual do País”, calcula Vino, da Kepler. Atualmente, de cada quilo de grãos resultante do aumento de produção no Brasil, apenas 800 gramas são ampliados em capacidade estática de armazenagem.

No último ciclo de investimentos, que compreendeu o início da década atual, houve grande avanço no aumento da capacidade que envolve as pequenas estruturas, a despeito do histórico nacional que privilegia o investimento em grandes sistemas armazenadores. De acordo com o consultor em armazenagem e professor da Universidade Federal de Viçosa, Tetsuo Hara, há 15 anos a capacidade estática de armazenagem brasileira em nível de fazenda não ultrapassava entre 2% e 4% do total. Hoje, gravita em torno de 15%, graças a linhas de financiamento como o Moderinfra e os Fundos Constitucionais. Números como os do oeste do Canadá, onde 86% das estruturas estão nas propriedades, 55% a 65% nos



Do que um silo é capaz

Ao Produtor

* Permite a comercialização no momento em que o produtor necessitar, na medida de suas necessidades

* Elimina a despesa de frete até ao local da venda, uma vez que é o comprador que vem retirar o produto na propriedade

* Possibilita o controle sobre a qualidade dos produtos

A Cooperativa/Cerealista/Industrial

* Ao manter postos de recebimento, atendem a seus cooperados ou colaboradores numa região próxima

* Conseguem classificar e armazenar o produto de acordo, mesmo recebendo grãos de diversos produtores e regiões diferentes

* Com postos de recebimento conseguem transferir o produto depois de o preço do frete ter baixado

* Dependendo do volume e dos produtos comercializados, o investimento em uma estrutura de armazenagem pode ser amortizado em aproximadamente três anos e meio, podendo este prazo ser reduzido

Tamanho do investimento

O custo estimado de uma instalação completa varia de acordo com o tamanho do projeto. Para um produtor rural que armazena até 50 mil sacas de grãos, o desembolso pode chegar a aproximadamente R\$ 350 por tonelada armazenada. Já para um médio/grande conglomerado que armazena mais de 50 mil toneladas de grãos o custo chega a aproximadamente R\$ 280 por tonelada armazenada, o que varia de acordo com o grau de sofisticação da instalação.

Fonte: Amílcar Rostro Junior – supervisor comercial da Industrial Pagé Ltda.

A UNIÃO FAZ A ESTOCAGEM

Há quem prefira se unir para diluir custos e aumentar o poder de barganha, tanto na hora de comercializar os produtos como na de comprar os insumos agropecuários. Em 1991, 11 agricultores de Campo Novo do Parecis, no noroeste de Mato Grosso, resolveram formar um condomínio. Para tanto, constituíram personalidade jurídica, montaram escritório e levantaram um empréstimo que foi pago em três anos. “Houve a necessidade de formar os armazéns porque os sócios não conseguiam fixar preços. Além disso, estavam sujeitos a descontos que muitas vezes não correspondiam à qualidade de seus produtos”, explica a gerente comercial do condomínio Marechal Rondon, Cleida Mari Cílio da Silva, no projeto desde 1992.

Como taxa, cada sócio deixa 3% da produção estocada nas estruturas comum aos atuais 14 sócios, o que é suficiente para pagar os funcionários, as despesas do escritório, a estrutura de comercialização. Uma pessoa acompanha a Bolsa de Chicago diariamente. Os sócios detêm total controle da pesagem, secagem, armazenagem e classificação. A diferença de cotação entre o produto do gru-

po e a soja balcão é de US\$ 3 por saca. “Pela saca de soja com entrega para março receberemos US\$ 19, enquanto que as tradings oferecem US\$ 16. Elas apertam muito na classificação”, testemunha Cleida.

Hoje a capacidade estática de armazenagem do grupo é de 38,5 mil toneladas, ainda insuficiente para acomodar a produção resultante dos atuais 14 sócios. “Alguns dos sócios possuem estruturas em suas propriedades e cedem espaço em troca de um acerto financeiro interno”, diz a gerente comercial do condomínio que em 2000 ganhou status de cooperativa. O que motivou o aprofundamento da relação entre os sócios foi a aquisição de uma algodoeira.

Normalmente, de 30% a 40% são vendidos de forma antecipada – para a compra de insumos, adquiridos em conjunto – e o restante vai sendo comercializado conforme as oportunidades de mercado no desenrolar do ano. Os 14 cotistas produziram 2,2 milhões de sacas de soja em 2006/07, 500 mil de milho e 1,5 mil toneladas de algodão em caroço. No que tange às decisões coletivas, tudo é decidido em reuniões semanais.



Divulgação

Estados Unidos e 35% a 40% na Europa e Argentina, mostram o quanto o Brasil ainda precisa evoluir.

Último da fila — Dos investimentos que se faz em bens de capital, se diz que o direcionado aos sistemas de pós-colheita acontece por último. Antes são adquiridos tratores, colheitadeiras, pulverizadores autopropelidos e implementos. Essa lógica expõe quão atabalhoada

é a forma de desenvolvimento nas fronteiras agrícolas brasileiras – quando os agricultores chegam muitas vezes antes até mesmo das estradas.

E mais, que majoritariamente os grãos estão sendo armazenados em grandes estruturas, o que não é ideal, tendo em vista que privilegiam o custo em detrimento da qualidade. “Para manter os grãos num padrão bom a unidade não pode passar de

MAIS DO QUE ARMAZENAR, GUARDAR CERTO

Com o aumento da produção de grãos e o investimento na ampliação da capacidade estática de armazenagem brasileira caminhando inversamente no último triênio, o resultado na qualidade dos grãos no médio prazo não é auspicioso. O risco de perdas por pragas – as maiores causadoras de contaminantes quando se fala em pós-colheita – atinge 10% no Brasil. Equipamentos projetados inadequadamente ou operando em condições deficientes podem favorecer a multiplicação das pragas dentro da estrutura armazenadora e, conseqüentemente, contaminando os grãos armazenados. “A grande inovação que o Brasil precisa introduzir é a adoção de silos herméticos, o que seria essencial para o perfeito controle das pragas no armazém”, afirma o pesquisador da Embrapa Trigo Irineu Lorini (foto). Esses equipamentos ainda não são disponibilizados no País.

Consideram-se contaminantes os insetos-pragas de grãos armazenados, fungos, bactérias, micotoxinas e impurezas, que ocorrem durante o processo de armazenagem e seguem por toda a cadeia de grãos, chegando à mesa do consumidor. Não é por me-

nos que a geração de informações sobre tais contaminantes e a implantação de processos que reduzem as perdas resultantes de sua presença são fundamentais para garantia da segurança alimentar, assim como a viabilidade econômica do empreendimento. De acordo com Lorini, o expurgo dos grãos para eliminar as pragas, que evitarão danos físicos e micotoxinas, exige silos e armazéns herméticos, pois somente estes garantirão o tratamento do produto com 100% de eficácia.

MIP — Uma das ações para evitar perdas é adotar o Manejo Integrado de Pragas (MIP), programa implantado pela Embrapa em 1999. Entre as recomendações do MIP está a limpeza do armazém, que deve ser lavado com jato de água desde o ponto de entrada até o teto do silo, passando pelas esteiras, túneis e elevadores. O risco ao não se fazer a assepsia é que muitas pragas se reproduzem na poeira e resíduos de grãos, causando um prejuízo que pode ser evitado por meio de um processo simples de limpeza. Para tanto são necessários vassoura, aspirador, água e a boa vontade do armazenador.

Lorini recomenda que os equipamentos de armazenagem sejam construídos

ou adaptados para facilitar o trabalho e cada vez mais só abriguem as menores quantidades possíveis de resíduos. “Superfícies lisas, perfis fechados, vigas e barras estruturais arredondadas, paredes internas dos silos lisas, fundo de silos desmontáveis, moegas e secadores auto-limpantes, máquinas sem cantos recolhedores de resíduos, entre outras, são itens que a indústria de equipamento precisa atender urgentemente”, destaca. Outras medidas preconizadas pelo MIP são o tratamento preventivo do grão com inseticida, natural ou químico, logo na chegada ao armazém; a iluminação para eliminar traças; a identificação de focos de pragas; e o monitoramento semanal de pragas e insetos na unidade.



20 mil a 25 mil sacas. Sob esse aspecto, é preferível num projeto de 40 mil sacas construir quatro estruturas de 10 mil sacas do que uma grande”, garante o extensionista da Emater em Estrela/RS Ricardo Martins. Por mais bem executada que seja a aeração, existe um limite de eficiência, que cai à medida que há um subdimensionamento dos ventiladores em relação à massa de grãos a ser resfriada.

Mas o que o agricultor, que provavelmente entregará o produto a uma *trading*, ganha com isso? Embora não seja corrente a prática de ágio ou prêmio para quem mira na excelência da maneira como se conservam os grãos, o nível de descontos é bem menor. Por outro lado, para quem possui granja ou pocilgas e a melhora na conversão representa dinheiro no bolso o argumento é mais do que válido em favor de pequenos silos. Martins cita o exemplo de um produtor que

conseguiu melhorar o aproveitamento dos animais de 2,75 quilos de ração por 1 quilo vivo, para 2,35 para 1 quilo vivo, apenas incrementando a qualidade do milho armazenado. Quando se trata desse cereal, ensina o extensionista, a impureza ou o grão quebrado é vulnerável a toxinas, que é grande fon-



Amílcar Rostro Junior, da Industrial Pagé: “Com a estrutura de armazenagem, o produtor pode comercializar a sua produção no momento em que achar melhor”

SILO-BOLSA, POR QUE NÃO?

Solução relativamente bem conhecida de armazenagem de grãos, o silo-bolsa destaca-se por duas características: o baixo custo de implantação e o fato de atender emergencialmente às necessidades de infraestrutura. “Enquanto que para os produ-



Divulgação

tores é uma alternativa para estocar os produtos agrícolas, para as tradings apresenta-se como uma solução logística”, avalia o gerente comercial da Mark Brasil, fabricante de embudadores e extratores, Tiago Graeff Fornari (foto). A grosso modo, o custo do armazenamento em silo-bolsa é de R\$ 1 a saca, ou 10 vezes menos do que um equipamento convencional. É, portanto, talvez uma solução para os que não têm condições de dispor de R\$ 500 mil para montar uma estrutura completa de armazenagem na fazenda.

Deve-se ter cuidado, no entanto, com o período em que o grão permanecerá estocado. O produto colhido úmido e sujo, por exemplo, não deve ser armazenado por mais de 30 dias. Já o grão colhido seco, entre 14% e 15% de umidade, pode permanecer por seis meses e, em alguns casos, até um ano. Uma das boas características do silo-bolsa é a conservação dos produtos agrícolas em um ambiente de condição anaeróbica (ausência de oxigênio). A massa de grãos que se encontra no interior do silo passa

a consumir todo o O₂ existente, produzindo uma atmosfera modificada com concentração em torno de 12% de CO₂. No sistema convencional de armazenagem não raro ocorre quebra técnica – quando o produto é armazenado em presença de oxigênio e, por meio do processo respiratório, precipita a perda de peso – descontada no final do período de armazenamento.

O segredo desse equipamento, portanto, está na vistoria periódica das bolsas. “O ideal é monitorá-las de uma a duas vezes por semana”, recomenda o gerente comercial da Mark Brasil. Por menor que seja, um furo poderá causar deterioração no ponto – daí a necessidade de que seja tampado o mais rápido com fita adesiva própria para a finalidade. Outro fator importante é que não ocorrem desperdícios devido a oscilações no teor de umidade – o que é relativamente comum no sistema aeróbico de armazenagem de grãos. Geralmente o teor permanece o mesmo, evitando perda de matéria seca devido a altas temperaturas.

te de prejuízo. “É como o nosso organismo, quando está com a imunologia baixa”, explica.

São muitas as vantagens que o produtor tem ao armazenar em casa a própria produção. Segundo o supervisor comercial da Industrial Pagé, Amílcar Rostro Junior, com a estrutura, ele pode comercializar a sua produção no momento em que achar melhor, ou de acordo com as suas necessidades. Além disso, elimina a despesa do frete, cada vez mais alto em tempos de recordes no barril do petróleo, visto que o comprador é quem se desloca até a fazenda para buscar o produto. Mais do que isso, o produtor pode ele mesmo exercer controle sobre a qualidade de seu produto.

Mesma linguagem — Para defender os direitos do dono da produção estocada, a Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso (Aprosoja), encabeçou o projeto Classificação de Grãos. O projeto parte da premissa de que produtores, governo, compradores, pesquisadores e órgãos governamentais precisam utilizar a mesma “linguagem” para

solucionar eventuais dúvidas e diferenças de mensurações que possam existir. Um outro problema que ocorre é a diferença entre os critérios de descontos e classificação das amostras de soja de uma empresa compradora para outra. “Em Mato Grosso, as perdas aos produtores atingiam de 2% a 4%”, diz o presidente da Aprosoja, Glauber Silveira da Silva.

Uma outra questão que está intimamente relacionada com a classificação de grãos é a explicação ou correlação das justificativas que causam as maiores concentrações de umidade, impurezas e outras deficiências nos grãos. Além disto, é necessário engendrar pesquisas, que já são feitas em outros países, relacionando o ambiente de produção e o clima com a qualidade intrínseca dos grãos (teor de proteínas, teor de óleo, carboidratos, entre outros).

A gota d’água para que os agricultores pensassem em reagir aconteceu há dois anos, quando uma carga de soja entregue em Canarana/MT sofreu desconto de 43% por grão esverdeado. Teutuo Hara, do Centro Nacional de Treina-

mento em Armazenagem (Centreinar), testemunha que é corriqueiro que uma carga descarregada na área de recebimento de uma *trading*, com 7% de grão ardidado, sofra desconto sobre o volume total, incluindo a parte sadia. “Há casos em que o produtor não pode nem acompanhar a pesagem do lote. Além disso, por utilizar equipamento obsoleto, as empresas podem fraudar o peso entre 5% e 10%. Mas quando a Instrução Normativa estiver efetivamente funcionando não vai mais haver espaço para gambiarras”, assegura Hara.

Uma das boas coisas da nova legislação é garantir alguns direitos ao produtor. Caso o vendedor não concorde com a classificação, terá prazo de uma semana para pedir uma contra-amostra da classificação e do desconto. O desafio será aparelhar as delegacias do Ministério da Agricultura, bem como treinar os fiscais e laboratoristas para garantir o direito. De acordo com Hara, está previsto para 2009 o credenciamento de 12 mil unidades armazenadoras. Ficará a cargo do Centreinar o treinamento do pessoal.

Quer financiar seu silo? Tem o Moderinfra

O que financia?

Investimentos fixos/semifixos relacionados com todos os itens inerentes aos sistemas de armazenagem (e também irrigação), de forma conjunta ou isolada. O empreendimento deverá estar localizado na propriedade, admitindo-se que, quando se tratar de crédito coletivo, a unidade armazenadora seja edificada em local da zona rural mais próximo possível da área de produção dos tomadores do crédito.

E os juros? — 6,75% ao ano, incluindo-se financeira credenciada de 3% ao ano.

E o prazo? — até 96 meses (8 anos), incluindo meses.

Como se dá a amortização? — semestral ou anual. A data da primeira amortização e a periodicidade do pagamento do principal será definida de acordo com o fluxo de recebimento de recursos da propriedade beneficiada.

E o nível de participação? — até 100%.

Como são os limites de valor dos financiamentos? — para empreendimento individual, até R\$ 1 milhão por beneficiário; para coletivo, até R\$ 3 milhões, respeitado o limite individual por participante. ❏

Fonte: BNDES



Divulgação



*Tão importante quanto produzir
é saber conservar o que
você produziu!*



Tecnologia a serviço da agroindústria

BR 101, Km 414, Cx. Postal 500, Fone: 48 3521 0300, Fax: 48 3521 0313
CEP: 88900-000, Araranguá, SC, Venda: @in@page.com.br, www.indpage.com.br

page



UM MUNDO MARAVILHOSO AINDA DESCONHECIDO

O uso da informática no meio rural representa um apoio fundamental para o gerenciamento da propriedade e na busca de informações por meio da ilimitada internet. Porém, a ferramenta segue muito restrita, e normalmente apenas produtores mais profissionalizados têm acesso à rede mundial de computadores

*Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com*

O acompanhamento do dia-a-dia da propriedade é uma obrigação que causa muita satisfação – além de ser uma atitude de extrema necessidade para exercer um eficiente gerenciamento. Mas nem sempre é possível estar presente cotidianamente por uma razão ou outra. Nesta situação, é possível apelar à informática para seguir “presente” na fazenda e acompanhar de bem perto todo o desenrolar dos trabalhos e dos negócios. Administrar a distância é apenas uma das facilidades, vantagens e ganhos que o microcomputador oferece a quem faz seu uso no gerenciamento do negócio. Mas suas utilizações são ilimitadas. Sobre tudo nos anos mais recentes pela difusão da internet, uma ferramenta que permite estar permanentemente bem infor-



mado sobre tudo o que ocorre em todo lugar, da fazenda à Bolsa de Nova Iorque. Em síntese, o uso (ou não) do teclado e o do mouse podem determinar a diferença entre o lucro e o prejuízo do empreendimento.

Como é o caso da pecuarista Roberta Cabral Kretsch, de Campo Grande/MS. Ela mantém com dois irmãos uma fazenda de gado de corte em Rio Verde do Mato Grosso/MS, a 190 quilômetros de Campo Grande, e acompanha de “perto” o que acontece diariamente na fazenda. Com alguns cliques descobre qual animal está se desenvolvendo bem e atingindo bom peso. Ou causando prejuízo. Também consegue saber qual é o custo de produção por cabeça na hora do abate, visto a receita, ou as despesas com insumos, mão-de-obra, etc. As informações armazenadas no micro facilitam a leitura precisa e aprofundada da situação e de maneira bem rápida e prática. É só clicar. “Eu arquivo e tiro um relatório”, resume Roberta. “Tenho uma série de planilhas financeiras e cruzo com outras informações”, descreve a praticidade para se chegar a conclusões ou esclarecer indagações. Na fazenda, o irmão Eduardo alimenta o micro com as informações.

O testemunho dela é sobre gado, mas poderia ser aplicado ao plantador de soja, de abacaxi ou ao criador de coelhos. Roberta conta que a solicitação de uma peça nova para um trator pode indicar que a máquina está exigindo manutenção em excesso e desta forma ser mais viável sua substituição por uma nova. O histórico do trator, assim como de animais ou pastagens, está na memória do micro. “A fazenda tem que ser gerenciada como uma fábrica de parafusos. Tem que se saber quantos foram vendidos e quantos estão na prateleira”, justifica. O sistema, como está hoje, opera na fazenda há um ano e meio e en-

Sampaio, da Embrapa: a adesão à informática no campo se justifica visto a variabilidade do uso da ferramenta



Embrapa

frentou resistências no início por parte dos trabalhadores, admite Roberta. Além do gerenciamento, o micro permite acesso a informações sobre cotações, câmbio, tendências de mercado e assim por diante. “Hoje (a informática) é essencial”, atesta.

Para todos os tamanhos — O gerenciamento facilitado do negócio é uma das principais possibilidades oferecidas pela informática. Leandro Ries, diretor técnico da Planejar, empresa de *software* em administração rural, esclarece que o mercado oferece hoje *softwares* simples, de R\$ 300, a sofisticados e até customizados, de R\$ 4 mil a R\$ 5 mil. “Há ‘N’ produtos no mercado para a medida de cada produtor.” Seguindo ele, o micro auxilia a organizar informações, na tabulação de dados, para gerar índices, anotar custos, estoques, preços médios, etc. “Ajuda na tomada de decisões. Ganha-se tempo”, sintetiza Ries. “O

computador realiza os cálculos na visão que você quer. No caderninho tem que fazer os cálculos no papel e demora mais tempo.” “É possível otimizar recursos e ter controle efetivo da propriedade. Administrar cada vez mais a propriedade como uma empresa”, sintetiza. Mas a informática ainda é um elemento de apoio raro nas propriedades agrícolas brasileiras. Segundo o IBGE, entre 5% e 7% possuem micro. E há uma exclusão digital bem caracterizada. O perfil das propriedades informatizadas é bem característico: 65% são de 5 mil e 10 mil hectares, 56% dos proprietários possuem curso superior e 83% dos proprietários não residem na fazenda — ou seja, administram-na de casa, em centros urbanos. “Mas existe uso de computador que não é mapeado”, ressalva Kleber Xavier Sampaio, pesquisador da Embrapa Informática. Sampaio observa que produtores



Referência em equipamentos para laboratório. Consulte nosso site para conhecer outros produtos.

Germíniador de Sementes

Homogenizador de Sementes

Soprador de Sementes South Dakota

Soprador de Sementes tipo Genéris

De Leo
EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

www.deleo.com.br
Porto Alegre - RS - 51 3384 6111

AGRITEMPO: SÃO PEDRO SEM SEGREDOS E SEM SURPRESAS

Quem tem internet tem o clima ao alcance da mão. Na verdade, ao alcance do mouse e do teclado. O site www.agritempo.gov.br congrega todas as informações que se possa imaginar sobre as condições climáticas. Desta forma, o produtor consegue se programar quanto às datas e prazos mais indicados para efetuar plantios, pulverizações, colheitas e demais atividades no campo. Ou seja, não vai semear em dias muito secos e nem ter que abandonar a lavoura às pressas com a colheiteira em razão de uma chuvarada tida como inesperada. Além de evitar uma série de imprevistos do clima. Mas o sistema oferece



muito mais. Aponta o índice de umidade do solo, a necessidade de irrigação, as regiões em estiagem e, é claro, a previsão do tempo. Além de uma série de outras informações.

O serviço, gratuito, é disponibilizado individualmente para cada Estado e inclui tendências baseadas no histórico de clima da região. Há, inclusive, alertas de geadas individualizados por cultura. “Se o produtor seguir à risca, a chance de ter sucesso é de 80%”, ates-

ta Sílvio Evangelista (foto), pesquisador da Embrapa Informática. “Se usar essas informações, a chance do negócio prosperar é bem maior”, lembra, ao descrever as diversas possibilidades disponibilizadas pelo Agritempo. Portanto, a chance de “dominar” o clima é outra possibilidade de quem tem acesso à internet. O site é mantido e abastecido por informações do Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (Cepagri) da Unicamp, de Campinas/SP, e pela Embrapa Informática, também sediada em Campinas.

de médio porte também estão aderindo mais à informática, visto o barateamento dos micros. Já os pequenos realmente seguem longe da digitalização. Até porque muitos são semi-analfabetos. No entanto, Sampaio assinala que a segunda geração, a de filhos dos produtores, é muito mais afeita à informática. “Cada vez as crianças estão usando mais (o micro). Os adultos têm medo de danificar o micro”, diagnostica. “O filho já nasceu na era da internet.” Sampaio lamenta que o governo não ofereça nenhum programa em massa para digitalizar o produtor. “A alfabetização tem que ser mais agressiva”, entende. A adesão à informática no campo se justifica, reforça o pesquisador, visto a variabilidade de usos da ferramenta. Entre as muitas aplicações, Sampaio cita um programa que faz o diagnóstico das deficiências nutricionais das plantas por intermédio de fotos. Ao responder a uma série de perguntas eliminatórias, o produtor chega à conclusão de que elementos a planta mostra-se deficiente.

Internet para poucos — O uso da internet é uma das principais possibilidades do produtor que possui micro. Pela rede ele tem a chance de manter-se muito bem informado sobre seu negócio, de con-

sultar cotações, pesquisar quais são os melhores preços (para o seu produto e mesmo para insumos que planeja adquirir) e muito mais. Os usos da internet também são ilimitados. Infelizmente, o acesso à rede também ainda é bem restrito. Nem ao menos se conhece um levantamento que aponte com precisão o número de internautas agrícolas. Em 2003 o Instituto de Economia Agrícola (IEA), do Estado de São Paulo, fez um levantamento e apontou que 10% das propriedades rurais do Estado utilizavam a internet. A média nacional deve ser ainda mais baixa, visto que São Paulo tem uma das agriculturas mais desenvolvidas do País.

O percentual já é ínfimo – visto que no mesmo período, nos Estados Unidos, 48% dos produtores utilizavam-se da internet, e o perfil do usuário é ainda mais restrito. Segundo um dos elaboradores do trabalho, o pesquisador científico do IEA Francisco Pino, “o grande adota primeiro que o pequeno”. Em geral, explica, o usuário é o chamado empresário rural, por vezes pessoa jurídica. E quem já adota um nível de tecnologia na produção e na administração bem superior à média, como manter uma assessoria contábil, por exemplo. “Os produtores mais jovens adotam mais facilmen-

te que os mais velhos”, aponta Pino outra característica do produtor-internauta. Além disso, quem tem escolaridade mais alta também é mais propício à adesão, assim como profissionais de outras áreas que passam a trabalhar com o agronegócio.

Conforme Pino, informação sobre produtos novos, instruções de plantio e assim por diante é o que produtor mais busca na internet. “Quando descobre isso, ele fica fascinado”, conclui. Mas também a utiliza para acessar cotações de bolsas (sobretudo quando produz para exportação), fazer compras, participar de leilões e – mas de forma ainda incipiente – comercializar seus produtos. “Quando o preço subia em Chicago/EUA, a notícia demorava para chegar aqui. Agora eles ficam sabendo quase imediatamente”, ressalta Pino. “Da mesma forma, a internet pode chegar aonde o jornal não chega. A distância não é problema.” ■

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronomia, Agricultura e Negócios. Confira no site www.agranja.com o resultado que está em votação e que você poderá ver estampado nas páginas do próximo número.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

A VEZ DO MILHO

VERDE-AMARELO

O mundo quer – e precisa – o milho brasileiro. A demanda mundial vai crescer, os EUA reduzirão sua fatia de 70% para 50% nas exportações globais e, portanto, estão abertas as portas ao Brasil. Mas imbróglgios inaceitáveis como a transgenia precisam ser resolvidos já

Odacir Klein

Presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho) e ex-secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul

A demanda internacional pelo milho brasileiro deve continuar firme em 2008, pressionada especialmente pelos países europeus no primeiro semestre. Em dezembro a Comissão Européia, com o objetivo de controlar a inflação, decidiu cortar as tarifas de importação de alguns grãos, incluindo o milho, e essa isenção deverá permanecer até o próximo mês de julho. Assim, é bastante previsível que os europeus aproveitem o primeiro semestre para realizar suas compras de milho brasileiro de 2008. No ano passado, as importações européias do grão, motivadas pela quebra de safra local, superaram 6,2 milhões de toneladas, mais de 60% das exportações brasileiras do produto, e se concentraram no segundo semestre.

Atualmente, estamos atravessando uma significativa redução de estoques de milho para o abastecimento, principalmente no Nordeste, no Paraná e em Santa Catarina. Em razão disso, as empresas consumidoras de milho certamente ficarão mais cautelosas na constituição de seus estoques em 2008. Entretanto, diante de ágios de até US\$ 100 por tonelada, como aconteceu nas exportações para a Europa no final de 2007, os produtores brasileiros terão bons motivos para continuar privilegiando as exportações.

Entre janeiro e novembro de 2007, segundo dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior, as exportações de milho haviam atingido 10,02 milhões



de toneladas, significativamente superiores às do mesmo período de 2006, que foram de 3,621 milhões. Em receita, os resultados também foram bastante animadores: US\$ 1,72 bilhão até novembro, contra US\$ 421 milhões no mesmo período do exercício anterior.

O 4º levantamento da safra 2007/08, realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e anunciado em janeiro, estima que a produção brasileira chegará a 53,3 milhões de toneladas, computadas a primeira safra (38,0 milhões de toneladas) e a safrinha (15,3 milhões de toneladas). Será uma produção 3,9% superior à da safra 2006/07, sinalizando um ganho de produtividade de 2,3% e também uma pequena expansão de área de plantio (1,5%). Segundo a Conab, em parte, essa expansão foi ganha da área de cultivo de soja na Região Sul, que simultaneamente sofreu uma ligeira redução.

Nesse mesmo levantamento, a Conab antevê um consumo interno de milho na safra 2007/08 da ordem de 44 milhões de toneladas, assim como exportações de 9,5 milhões de toneladas e, portanto, inferiores aos praticamente 10 milhões de toneladas fechadas em 11 meses de 2007. O estoque final, ainda de acordo com a previsão da Conab, deverá ser de 7,1 milhões de toneladas contra 6,6 milhões de toneladas na safra 2006/07.

Na verdade, em relação ao milho, o Brasil está vivenciando um “problema” que todo país gostaria de ter, ou seja, o de atender a uma demanda internacional crescente. Nós, que vivemos a agricultura há tantos anos, só enxergamos uma alternativa natural diante desse fato: aumentar a produção. Não vamos para isso, no entanto, pressionar mais nossas fronteiras agrícolas. Temos, sim, de lançar mão das tecnologias existentes, em busca da expansão da produtividade e, em consequência, ampliar a produção.

Transgenia já — Defendemos que os produtores brasileiros possam plantar o mais rápido possível as variedades de milho transgênico aprovadas pela CTNBio e que estiveram impedidas de plantio pela Justiça até janeiro. Houve uma suspensão da liminar que impedia os efeitos da aprovação técnica da CTNBio. Ficamos defasados tecnologicamente em relação ao milho transgênico em razão de processos de fundo ideológico e está

claro que é preciso acelerar esse desenvolvimento. Não tem sentido, a cada vez que o abastecimento interno fica ameaçado, cogitar de recorrer às importações do milho transgênico argentino. Se o Brasil não puder plantar, como poderá importar?

Por que impedir o uso de uma tecnologia que, além de garantir ganhos econômicos, também garante ganhos ambientais para o País? No início do ano passado, a Associação Brasileira dos Produtores de Sementes (Abrasem) apresentou um estudo demonstrando esses benefícios. A conclusão foi de que, se apenas 50% da atual área plantada de milho passassem a ser de variedades transgênicas, o Brasil teria um ganho econômico de US\$ 192 milhões. Desse total,

US\$ 31 milhões seriam decorrentes do menor volume de agrotóxicos a ser utilizado nessas lavouras, deixando de contaminar o meio ambiente e a saúde dos agricultores.

Somos o terceiro fornecedor mundial de milho e precisamos passar a agir com a objetividade necessária para passar a Argentina, o segundo exportador mundial. Basta analisarmos a atual estrutura global de abastecimento de milho pelos maiores produtores mundiais, em que o Brasil se inclui, para termos certeza do grande espaço que ainda pode ser ocupado pela nossa produção de milho. Vejamos, por exemplo, o que está acontecendo nos Estados Unidos, o maior produtor e exportador mundial, que hoje supre 70% das exportações mundiais de milho.

O Departamento de Agricultura americano (USDA) anunciou em dezembro a estimativa de estoques de passagem de milho para a safra 2007/08, de 45,6 milhões de toneladas, mostrando que não se renderá às pressões da demanda global de exportações, que vêm crescendo ininterruptamente nos últimos seis anos. Na safra de 2006/07, os níveis desses estoques foram inferiores, na casa das 33 milhões de toneladas.

EUA: 338,3 milhões de toneladas — Na próxima safra, os produtores americanos deverão colher 338,3 milhões de toneladas de milho, mas essa produção



“Defendemos que os produtores brasileiros possam plantar o mais rápido possível as variedades de milho transgênico aprovadas pela CTNBio”; argumento Odacir Klein

será impulsionada pelo aumento da área cultivada e não pelo incremento de produtividade. Temos que atentar ao fato de que os Estados Unidos utilizam milho geneticamente modificado há mais de dez anos e, portanto, já absorveram grande parte dos benefícios dessa tecnologia, uma situação totalmente inversa ao que ocorre no Brasil atualmente. Somos o país exportador com menor índice de produtividade, o que encarece nosso produto no mercado internacional. Há exceções, como o caso recente de ágio europeu ao nosso produto, porém motivado por um fator conjuntural.

Assim, temos necessidade urgente de um choque de produtividade, tanto para expandir a produção como para reduzir seu custo diante dos competidores internacionais. Dados da consultoria Céleres apontam que, tanto na Argentina quanto nos Estados Unidos, é possível observar claramente o choque de produtividade alcançado após a introdução do milho geneticamente modificado. O aumento da produtividade média nos Estados Unidos entre 1988 e 1997 foi de 0,6% ao ano, ao passo que no período de 1998 (introdução da biotecnologia do milho nos EUA) a 2007, o crescimento médio foi de 1,6% ao ano.

No caso da Argentina, o comportamento é semelhante. A elevação da produtividade média no período de 1988 a 1997 foi de 1,9%, ante um crescimento

médio de 2,8% entre 1998 (também com a introdução da biotecnologia) e 2007. A barreira de rompimento da produtividade média é explícita com a introdução de variedades geneticamente modificadas. De 1990 a 1997, a Argentina manteve sua produtividade média sempre na casa de 4.200 quilos/hectare. Com a introdução do milho geneticamente modificado em 1998, a produtividade média saltou imediatamente para o patamar de 6.000 quilos/hectare.

A atual tendência de menor participação americana no mercado mundial de exportações de milho não terá volta. Para 2017, ou seja, daqui a nove anos, quando as exportações mundiais deverão atingir 105,8 milhões de toneladas de milho, os Estados Unidos teriam garantida uma participação de apenas 50%. Nós, brasileiros, estamos portanto diante de uma perspectiva de poder avançar esses 20 pontos percentuais perdidos pelos Estados Unidos, sem falar das posições que já conquistamos em nossa atual plataforma de exportações, principalmente para países europeus e do Oriente Médio.

Com a projetada diminuição de estoque interno americano, o quadro mundial de oferta e demanda de milho continua comprador, ou seja, confirma a posição favorável do Brasil como país exportador. Se analisarmos a posição da China, outro grande produtor mundial, a produção de milho da próxima safra 2007/08 deve permanecer praticamente inalterada em relação à safra 2006/07, que totalizou 145,48 milhões de toneladas. Segundo informações sobre Grãos e Oleaginosas à Agência Dow Jones, “o clima favorável em setembro ajudou a compensar uma queda de 3% na produtividade do milho provocada por uma seca severa no início de 2007”.

E a Argentina? — Por outro lado, outro grande *player* mundial, nossa vizinha Argentina, já plantou a maior parte (92%) dos 3,2 milhões de hectares estimados para a safra 2007/08. Isso significa que dificilmente essa área se estenderá, conforme algumas previsões do final de 2007. A previsão de produção, de 22,5 milhões de toneladas, tam-

bém se mantém, neste início de ano.

O Brasil trabalha atualmente com uma previsão de produção de milho ao redor de 53 milhões de toneladas para um consumo interno estimado de 44 milhões de toneladas em 2008, além de exportações anuais contidas em 10 milhões de toneladas. Não faz sentido assistir ao crescimento da produção argentina, por exemplo, motivada pelo uso da biotecnologia, enquanto os produtores brasileiros ficam impedidos dessa mesma utilização por motivos puramente ideológicos. Assim como todos os grandes produtores mundiais de milho, precisamos estar prontos para competir nesse cenário de grande demanda e aberto aos que tiverem condições de competir. ❏



TECNOLOGIA DE APLICAÇÃO



Em 2008
manteremos nossos objetivos
de qualidade e satisfação dos clientes.



 **rigran**

(51) 3341.3225

www.rigran.com.br · rigran@rigran.com.br

A FORÇA DA PALM

A espécie de cactus que chegou ao Brasil no início do século passado já ocupa 600 mil hectares no Semi-Árido, a maior área no mundo. É usada na alimentação animal, mas tem grande potencial para consumo humano

Texto e fotos: Lucca Rossi

A cultura da palma, desconhecida da maioria dos brasileiros, tem na Paraíba o seu maior reduto. E agora com destaque internacional. Prova disso é que João Pessoa, a Capital paraibana, sediou a sexta edição do Congresso Internacional da Palma e Cochonilha, em outubro de 2007. O megaevento, realizado em parceria da Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Sebrae e Universidade Federal da Paraíba, é promovido desde 1991 pela FAO (organismo da ONU ligado à alimentação), em diferentes lugares do mundo onde a cultura da palma é desenvolvida. E essa foi a primeira edição do encontro na América do Sul. Sua realização na Paraíba é fruto de um longo trabalho de quatro anos encabeçado pelo presidente da Faepa, Mário Borba.

Com 600 mil hectares de área plantada, o Brasil abriga a maior área de palma (do tipo *Opuntia ficcus indica*) do mundo. A cultura está concentrada no Semi-Árido, que cobre 80% do território do Nordeste. O Semi-Árido ocupa 1 milhão de quilômetros quadrados e possui 25 mi-

lhões de habitantes. A Paraíba concentra 85% de suas terras em área semi-árida. Esse tipo de cactus, originário do México, foi introduzido no Brasil no começo do século XX e adaptou-se perfeitamente ao clima da região. Mas, durante muitos anos, a cultura da palma no Brasil foi relegada e vista com preconceito pelos próprios sertanejos. Os produtores não sabiam que davam as costas ao cultivo de uma oleaginosa rica não apenas para a forra-

gem animal, como também para o consumo humano.

Atento à possibilidade de tornar a palma fonte de renda para o agricultor, tão prejudicado pelas constantes secas, Borba foi ao México em 2003 a fim de conhecer o cultivo do cactus em seu país de origem. “Em 13 dias de viagem percorri 2.100 quilômetros, visitei universidades, empresas de pesquisas e propriedades



PALMA NA PARAÍBA

rurais e fiquei muito impressionado com o que vi”, descreveu. Uma fábrica mexicana de pickles da palma para consumo humano beneficiava 22 toneladas do broto por dia. A empresa exporta o produto para os EUA, Canadá, União Européia e Japão. No México, há ainda uma associação de produtores com mais de 5 mil integrantes, além de uma propriedade com 420 hectares de área plantada, com destino apenas para consumo humano. “Como, com a maior área plantada do mundo, ainda usamos a palma somente

“Como, com a maior área plantada do mundo, ainda usamos a palma somente para ração animal?”, pergunta Mário Borba, presidente da Faepa

para ração animal?”, indagou Borba.

A partir daí, Borba idealizou o que viria a se tornar o Projeto Palmas para o Semi-Árido, parceria da Faepa, Senar/PB, Sebrae e prefeituras paraibanas. Implantado em 2005 e coordenado pelo agrônomo Paulo Suassuna, o Palmas para o Semi-Árido possibilita a produtores de 15 municípios do Semi-Árido paraibano plantar e beneficiar a cultura a partir de seu cultivo intensivo. Além do uso para forragem animal, o projeto trabalha sua utilização para a produção de cosméticos e alimentos.

Em visita técnica a duas das cidades onde ocorre o projeto, Juazeirinho e Taperoá, realizada no último dia do con-

gresso, os pesquisadores estrangeiros ficaram impressionados com os resultados obtidos. O americano Peter Felker destacou o aproveitamento recorde alcançado pelos produtores paraibanos. “Com o cultivo intensivo da palma aqui desenvolvido, em um hectare plantado são colhidas 400 toneladas e alimentadas 200 cabras leiteiras. Isso é um recorde não só aqui na Paraíba, mas no mundo”, afirmou. ■

ALIMENTO SABOROSO E SAUDÁVEL

A instrutora do Senar em Areia/PB, Ione Diniz (foto, à esq.), integra o Projeto Palmas para o Semi-Árido, no braço chamado Pequeno Especialista. Dedicado aos filhos dos agricultores, o projeto ensina o cultivo e colheita do broto da planta. As crianças aprendem sobre o seu preparo como

alimento, que é servido na merenda escolar em forma de sucos, mousses, sorvetes, biscoitos e tortas. “A palma possui alto teor de vitamina A, cálcio e ferro”, destacou Ione. “Quando consumida, ela tem propriedades hipoglicêmicas, que baixam as taxas de açúcar no sangue.”



SETOR BUSCA APOIO EM BRASÍLIA

Ministro da Agricultura recebeu documento com propostas para a safra 2008

O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, recebeu do setor tritícola, no final de janeiro, documento com uma série de reivindicações para a safra 2008. “Propostas para o setor tritícola brasileiro - safra 2008” também sugere políticas de valorização das culturas de inverno, que foram elaboradas de comum acordo com as principais lideranças que respondem pela cadeia produtiva do trigo no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep) foi realizada uma ampla consulta aos sindicatos rurais e à Comissão Técnica de Grãos, Financiamento da Produção e Proagro, composta por agricultores que representam diversas regiões do Paraná.

O Brasil importa 70% do consumo de

trigo. Em 2006, o gasto foi de US\$ 1 bilhão com as aquisições de trigo e farinha. Segundo os produtores, eles têm condições de ampliar a área plantada, porém não contam com uma política agrícola que viabilize o crescimento do setor. Segundo o economista da Faep, Pedro Loyola, o maior desafio dos produtores de trigo é superar os fatores limitantes da atividade. “Os agricultores precisam de um seguro de produção viável, além de melhores condições de competitividade no escoamento da produção. Hoje os argentinos colocam mais de 90% do trigo consumido no Norte e Nordeste do Brasil, o que equivale a praticamente 3 milhões de toneladas”, lamenta Loyola.

Custo do frete — Para o presidente da Faep, Ágide Meneguette, uma medi-

da importante para encaminhar a questão do trigo no Brasil é reduzir o custo do frete da cabotagem entre a Região Sul e as Regiões Sudeste, Norte e Nordeste. A legislação atual é muito restritiva ao uso de navios com bandeira estrangeira, apesar da frota nacional não dispor de embarcações em quantidade suficiente. Curiosamente, o frete marítimo da Argentina para o Nordeste, assim como do Brasil para a África do Sul, custa menos do que o da Região Sul para o Nordeste. “Reduzindo os custos de cabotagem, o produtor brasileiro poderá competir em condições de igualdade com o estrangeiro, implicando uma substituição de importações do trigo, rendendo divisas para o País e atendendo o mercado interno”, argumenta Ágide.



PRINCIPAIS PROPOSTAS

Preço mínimo — Alterar de R\$ 400 para R\$ 500 a tonelada (R\$ 30/sc);

Juros — Reduzir para 4,5% ao ano no custeio;

Seguro — Aumentar o subsídio de 60% para 75% ao prêmio do seguro; adotar cálculo de produtividade média conforme histórico do produtor e não do município; aumentar a cobertura de produtividade, fixando como regra básica a cobertura mínima de 70% da produtividade; implementar o Fundo de Catástrofe e criar a modalidade de Seguro de Renda do

Produtor;

Tarifa Externa Comum (TEC) — Manutenção da TEC para o trigo e seus derivados, pois esta é a maneira de garantia de preço ao produtor. Reduz o efeito dos preços subsidiados de outros países;

Logística — Flexibilizar a legislação de cabotagem;

Tributação — Unificar o ICMS do trigo e derivados;

Crédito — Aumentar o limite de crédito da cevada para R\$ 300 mil e da aveia para R\$ 200 mil;

Culturas de inverno — Estabelecer política agrícola para aveia e cevada nos mesmos moldes do trigo;

Proagro — Aumentar a cobertura de R\$ 150 mil para R\$ 300 mil;

Manutenção dos atuais mecanismos de comercialização: PROP, PEP, EGF, AGF, Contrato de Opção e LEC;

Regulamentar a entrada de farinha argentina (tarifa compensatória) com subsídio na origem, prejudicando especialmente a indústria moageira da Região Sul e, em decorrência, o produtor. ■

ANÚNCIO

ANÚNCIO

ANÚNCIO

ANÚNCIO

CADERNO CANA

É PRECISO FAZER O DEVER DE CASA



Alessandro Reis

O etanol brasileiro sempre enfrentou barreiras e lobbies internacionais. As alegações da hora são que o Brasil gera etanol com mão-de-obra infantil ou semi-escrava e sem respeito ao meio ambiente. Por isso, o País precisa estar atento a algumas normas sociais e ambientais

Delcy Mac Cruz

Investir em projetos de Responsabilidade Socioambiental é considerado uma senha para o setor sucroalcooleiro do Brasil conquistar o mercado internacional. O nosso álcool carburante

já enfrenta muitas adversidades lá fora. As barreiras tarifárias e os lobbies de produtores estrangeiros de etanol seguem como fortes adversários do combustível brasileiro feito de cana-de-açúcar. Para

entrar nos Estados Unidos, por exemplo, um litro de etanol do Brasil paga o equivalente a R\$ 0,245. E os produtores americanos de etanol do milho estão mais do que mobilizados para conter a entrada do

RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

concorrente – e têm mais força de lobby neste ano de eleição presidencial.

Mas as barreiras e os lobbies, no entanto, são entendidos como velhos rivais do etanol brasileiro. E vistos com menor poder de risco em relação às novas exigências. Elas começaram de forma mais incisiva na década de 90, com a maior facilidade de acesso de produtos brasileiros a outros países por conta da globalização. Mas avançaram principalmente dos três últimos anos para cá, quando o álcool carburante da cana passou a ser apontado como “Salvador da Pátria”, graças a sua viabilidade de ser empregado como aditivo à gasolina a preços baixos, com menos teores poluentes e um ótimo aliado do meio ambiente, porque seqüestra o gás carbônico, principal item do efeito estufa.

A verdadeira brigada anti-etanol atua em várias frentes de ataque. Uma das principais delas é espalhar a tese de que, para ser produzido, o etanol já ocupa e vai ocupar ainda mais terras atualmente destinadas a alimentos – e que, portanto, o Brasil, principal produtor mundial do etanol de cana, privilegiaria a fabricação de combustível em detrimento da produção de alimentos. Tão séria quanto são as denúncias de que o setor de açúcar e de álcool do Brasil adota práticas medievais como explorar mão-de-obra infantil na produção e de manter trabalhadores rurais em

condições de semi-escravidão. Existem também as acusações de mortes no campo por exaustão no trabalho.

Parcela de culpa — A cadeia do setor sucroalcooleiro do País tem sua parcela de culpa em meio a tantas denúncias. Maus tratos a trabalhadores rurais migrantes vez por outra são registrados pela imprensa. No começo de janeiro, chegou a Ribeirão Preto, cidade do interior paulista sede de região com 45 fábricas do setor, ônibus proveniente da Bahia com 42 homens arregimentados para trabalhar no parque industrial de usina em Dois Córregos. Quase na etapa final da viagem, o coletivo sofreu acidente, capotou e a maioria dos migrantes foi parar no hospital. O responsável pela contratação não chegou a ser localizado pela imprensa e os trabalhadores, sem saber o que fazer, decidiram retomar o caminho de volta para casa.

O caso coincide com vários outros, geralmente atrelados a uma figura que há muito deveria ter sido extirpada: o empreiteiro, também conhecido por gato. É ele quem vai a outros Estados, arregimenta moradores e os traz, sem a companhia de familiares, para regiões canavieiras para trabalhar durante os seis meses da safra. Tais trabalhadores geralmente se tornam vítimas frágeis de oportunistas. Mais de 200 desses migrantes, lotados na área industrial de duas usinas (a Cerp, de Ribeirão Preto, e a Nova União, localizada na

vizinha Serrana) encerraram 2007 e começaram o ano à espera do pagamento de salários atrasados.

Com 340 fábricas em atividade no País, outras 30 às vésperas de entrar em funcionamento neste ano e um elo de fornecedores que reúne mais de 20 mil empresas, o setor assemelha-se a um gigante que não consegue administrar tudo que lhe é pertinente. Em meio a esse universo existe uma corrida rumo à gestão moderna, eficaz, porém enquanto plantadoras de cana de última geração transitam em meio a corredores de canaviais paulistas, existem, sim, cortadores que, para ampliar a renda, ficam entre oito a dez horas na colheita da planta sob clima desértico.

Para complicar o quadro, o setor é conhecido pela sua desunião. Existem entidades representativas nos Estados produtores, mas elas estão longe de representar 100% do setor. A briga para implementar uma rede de medidas e soluções para conter as críticas e tornar as relações de trabalho saudáveis é bem mais complexa do que parece. E como o setor tem tratado isso? Maria Luiza Barbosa, a Isa, é uma personagem de vital importância nesse universo. Funcionária da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), ela é responsável pelo setor de Responsabilidade Socioambiental, criado em 2001 e que atualmente abrange a 95% das 102 companhias associadas da entidade, que representa o setor no Estado de São Paulo e também em Minas Gerais, onde possui uma afiliada.

Como uma caixeira-viajante, Isa viaja constantemente para as usinas e convive pessoalmente com os projetos desenvolvidos no tripé que une investimentos feitos junto ao colaborador e seus familiares, nos fornecedores e na própria estrutura da organização. Cada companhia participa de um sistema que pontua o ritmo de ações como rendimento escolar do filho do funcionário, se o fornecedor de peças trabalha com pessoal sem registro em carteira ou, ainda, se o coral formado por colaboradores fez menos apresentações neste ano em relação ao ano anterior.

Projeção — O sistema empreendido pela Unica ganhou projeção internacional em 2005, quando a instituição formalizou



CERTIFICAÇÃO

“Não se pode aceitar uma certificação de gabinete, que saia sem a participação dos representantes dos fabricantes”, criticou Mônica Bergamaschi, da Associação do Agronegócio de Ribeirão Preto (Abag-RP)

Divulgação



SOCIOAMBIENTAL

“As grandes empresas do setor, capitalizadas, podem investir nesses projetos e até incentivar os pequenos”, defende Ortolan, da Canaoste

Divulgação

parceria com o World Bank Institute (Instituto Banco Mundial) para implantar programa de capacitação no âmbito da Responsabilidade Social Corporativa e Sustentabilidade, que envolve diretores, gerentes e supervisores de vários departamentos das fábricas associadas. Em dezembro último, Piracicaba/SP, São José do Rio Preto/SP e Ribeirão Preto/SP sediaram a segunda etapa de treinamento do programa, com a participação de executivos do Instituto Banco Mundial. “Essa parceria funciona como um *upgrade* no que já fazíamos”, diz a consultora da entidade brasileira.

Segundo Isa, o ano de 2008 será marcado pela expansão do sistema de investimentos em Responsabilidade Socioambiental junto a companhias não-associadas da Unica. Uma vez que existem poucos profissionais especializados para percorrer empresas que cada vez mais ocupam novas fronteiras no País, a estratégia é preparar associações e sindicatos locais para que atuem como multiplicadores.

Certificação — “O setor sucroalcooleiro está seriamente pressionado e tem pouco tempo para reagir”, afirma Edgard Monforte Merlo, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabili-

dade (FEA), do campus de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Segundo ele, os projetos de Responsabilidade Socioambiental empre-

endidos pela Unica certamente melhoram a imagem do setor no exterior, mas as exigências não param de crescer.

Na primeira semana de janeiro, o porta-voz do Departamento de Energia da Comissão Européia, Ferran Tarradellas, avisou que a União Européia irá banir de seu mercado biocombustíveis que não contemham um certificado ambiental. Lei com essa determinação deverá ser avaliada pelos 27

países do bloco europeu neste começo de fevereiro. A reação brasileira à ameaça dos europeus foi política: o Itamaraty alertou que não aceitará regras discriminatórias. “Entrar em discussões de pouco adiantará”, observa o professor da USP. “O Brasil precisa é fazer sua lição de casa.” A certificação do etanol vem sendo abordada no País desde o ano passado. O governo federal incumbiu técnicos do Ministério do Meio Ambiente de auxiliarem o Ministério da Agricultura a formatarem tal certificado.

O setor sucroalcooleiro reagiu com ceticismo. “Não se pode aceitar uma certificação de gabinete, que saia sem a participação dos representantes dos fabricantes”, disse, em abril do ano passado, a diretora da Associação do Agrogócio de Ribeirão Preto (Abag-RP), Mônica Bergamaschi, quando o tema ganhou projeção. De lá para cá, o projeto da certificação entrou em fase de silêncio, sumiu do noticiário e somente agora retornou à cena, com as ameaças dos europeus de não comprarem etanol sem um documento provando que ele foi feito sem ferir o meio ambiente.

Para lideranças do setor como Manoel Ortolan, presidente da cooperativa

de fornecedores de cana Canaoste, com 2,5 mil associados na região nordeste do Estado, é preciso aproveitar 2008 para implantar projetos de Responsabilidade Socioambiental e certificações. Sua avaliação é a de que o ano que começa sinaliza pouco crescimento do mercado exportador. “Será um ano de ajustes internos e de negociações para que as exportações de etanol prosperem a partir de 2009”, conta. Por isso mesmo, diz, é o momento certo de o setor arregaçar as mangas e acertar as ‘contas’.

Segundo Ortolan, diante da previsão de um 2008 de preços baixos, como foi 2007, não será fácil fazer com que os pequenos participantes do setor sucroalcooleiro invistam dinheiro em projetos socioambientais. “Mas as grandes empresas do setor, capitalizadas, podem investir nesses projetos e até incentivar os pequenos”, comenta. Desta maneira, os fabricantes de etanol e de açúcar estarão com a senha nas mãos para negociar com o mercado internacional. 



All COMP
Equipamentos de Precisão

GPS

Mapeamento e cálculo de área com GPS

GARMIN Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br



EM COMPASSO DE

Sem expansão no mercado internacional, setor do etanol aposta em vendas internas maiores. Negócios com japoneses seguem apenas no interesse

Delcy Mac Cruz

Os fabricantes de etanol da região Centro-Sul do País apostam no mercado interno para absorver a maioria do combustível da safra 2008/2009. Às vésperas do começo da safra, que neste ano deverá ter início já no mês de março em algumas unidades, o setor praticamente descartou crescimento nos embarques para o mercado externo. Essa posição é informal, não está atrelada a posições oficializadas por entidades representativas como a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), mas é vigente entre produtores e fornecedores ouvidos pela **A Granja**.

Estrategicamente, a indústria de etanol pretende focar o mercado interno porque a renda cresce e, com ela, devem aumentar as vendas de veículos novos flex. A estimativa de representantes de concessionárias de Ribeirão Preto/SP, que possui 45 usinas na região, é de que o

comércio dos modelos movidos a gasolina e a etanol ainda pode avançar 20%. Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), os modelos flex representaram 86% das vendas de veículos em 2007, com a comercialização de 2 milhões de unidades, quase o dobro do que foi vendido em 2006. Conforme a entidade, entre 2003 e o ano passado foram adquiridos 4,6 milhões de modelos flex. Caso a projeção de crescimento de 20% em relação às vendas de 2007 seja cumprida, o Brasil terá, ao longo de 2008, perto de 200 mil novos veículos flex em circulação.

Capacidade — Na avaliação do setor, a capacidade atual das fábricas chega a 19 bilhões de litros de etanol por safra, suficientes para o consumo interno de 1,5 bilhão de litros mensais, como tem ocorrido desde junho de 2007. O montante também é capaz de atender a

uma exportação de 3 bilhões de litros, volume que o setor deve ter vendido no mercado internacional em 2007, embora os números oficiais relativos ao desempenho do ano ainda não tenham sido divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Levantamento da Unica revela que no ano passado o País teria disponibilidade de exportar até 3,7 bilhões de litros de etanol, enquanto o consumo interno contaria com 14,3 bilhões de litros. A partir destes números, avalia-se que os mesmos 3,7 bilhões de litros estarão à disposição neste ano, mais os 3 bilhões de litros permitidos pelas 40 milhões de toneladas de cana nova. Mas isso, evidentemente, se essa oferta de matéria-prima for direcionada para o etanol e não para o açúcar.

ESPERA

Com estimados 3 bilhões de litros à disposição e sem meios de desovar esse montante apenas no mercado interno, fica a pergunta: o País firmará neste ano contratos de exportação suficientes para escoar a oferta prevista? Oficialmente, o Governo Federal seguirá seu planejamento de defender o etanol lá fora, com ministros e o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva em discursos favoráveis ao derivado da cana. É uma etapa importante no processo de ampliar o mercado internacional.

As visitas de comitivas internacionais para conhecerem de perto a fabricação do biocombustível certamente vão prosseguir

ao longo do ano. Em janeiro, por exemplo, comitiva de executivos do governo do Sri Lanka visitou fábricas de etanol na região de Ribeirão Preto. Pode não ter peso significativo de negócios para o setor sucroalcooleiro, mas visitas como esta fortalecem a imagem do etanol lá fora.

Interesse japonês — O setor, contudo, sabe que, no curto prazo, o correto para absorver a crescente oferta de etanol seria a consolidação das exportações para o Japão. Esta seria a efetivação de um modelo de mercado exportador há muito discutido por todos os envolvidos na cadeia sucroalcooleira. O mercado japonês consome 55 bilhões de litros de gasolina por ano e, com lei que prevê a adição de 10% de etanol, existe uma demanda de importação de 5,5 bilhões de litros anuais – um volume que o Brasil é sério candidato a suprir.

Oficialmente, as negociações com o Japão seguem no ritmo esperado. Em agosto do ano passado, durante visita, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Japão, Tomohiko Taniguchi, disse que não poderia prever a quantidade, mas que podia garantir que existe um plano em andamento de importação, pelo Japão, do etanol brasileiro. Na oportuni-

dade, Taniguchi disse não ter idéia de a partir de quando essas negociações seriam iniciadas. É pelas mãos da iniciativa privada que o comércio de etanol brasileiro deverá ser efetivado com o Japão. A Mitsubishi Corporation, por exemplo, deverá receber, já a partir da safra deste ano, 30% da produção total de etanol da Usina Boa Vista S.A., em contrato de 30 anos de duração assinado em março de 2007 com o Grupo São Martinho, controlador da usina.

Já a *trading* japonesa Mitsui é sócia da Petrobras na implantação de fábricas de etanol cuja produção seguirá também para o consumidor japonês. Em entrevista no começo de janeiro último, o diretor de Abastecimento da estatal brasileira, Paulo Roberto Costa, afirmou que a participação da Petrobras e da sócia japonesa deverá ser de 20% a 30%, cada, nas usinas. Para empresários do setor sucroalcooleiro, as negociações com o Japão, que começaram oficialmente em 2001, com acordo assinado entre a Companhia Importadora e Exportadora (Coimex), Unica e a Mitsui, deveriam caminhar um pouco mais rápido. Mesmo porque o setor produtivo não pode segurar a produção excedente sem saber ao certo quando irá comercializá-la. ❧

Renato Lopes



PARCERIA

Segundo Paulo Roberto Costa, diretor da Petrobras, a estatal e a japonesa Mitsui negociam para ter de 20% a 30% de participação em usinas

Valter Campanato/ABR

Programe seu plantio com muito mais segurança

Com o pluviômetro Multitec você consegue medir a quantidade de chuva da sua região e programar seu próximo plantio com muito mais segurança

Multitec

R. Inês de Teófilo, 28 - CEP 83049-700 - São Leopoldo/RS
Fone/Fax: (51) 3388-4332 - multitec.industria@terra.com.br

SELECIONAMOS REPRESENTANTES

O MELHOR ESTÁ NO FINAL DE FEIRA

Bruno Pacheco
bruno@agranja.com

Cada vez mais o Brasil está se consolidando como um grande produtor e exportador de alimentos orgânicos. Já existem no País cerca de 115 mil propriedades certificadas ou em processo de transição – 70% delas pertencem a agricultores familiares. Como parte desse número está o casal Iuná Chaves e Clementino Câmara (na foto), da Orgânica Potiguar, de Natal/RN. Mas o caso desta família produtora de orgânicos é bem diferente dos demais.

Alface, tomate, pepino e cenoura são algumas das hortaliças, cultivadas de maneira orgânica, destinadas não para a alimentação, mas para a higiene pessoal. A matéria-prima é transformada em sabonete. Tudo começou com as feiras agroecológicas realizadas com o apoio do Sebrae e parceiros no Rio Grande do Norte. Muitas das hortaliças que sobram no final dessas feiras ficam impróprias para a venda e são jogadas fora. É aí que entram Iuná e Clementino. Eles passa-

ram a comprar a matéria-prima pagando a metade do preço pela hortaliça que seria descartada.

Câmara teve a oportunidade de conhecer o sabonete orgânico em uma das muitas viagens que fez ao redor do mundo a passeio. “Antes fazíamos apenas sabonetes de algas marinhas e caju. Quando conheci o sabonete de hortaliças orgânicas resolvi trazer para o Brasil”, conta. Segundo Iuná, que também fez capacitação no Sebrae em agricultu-



ra orgânica, foram feitas pesquisas e se descobriu que esses produtos só existiam na Europa.

Sem concorrência — Sabonetes com hortaliças orgânicas são novidade no Brasil. “Ultimamente, não tenho feito pesquisas na internet, mas pelo que sei, o produto é único no País”, complementa Câmara. Ao todo, são 18 tipos de sabonete, vendidos em barra a R\$ 5 a unidade. Ele prefere não revelar quanto é o ganho. Cada um contém uma propriedade diferente e importante para a pele: o de tomate controla o pH da pele; o de pepino equilibra a umidade; o sabonete de cenoura tem ação antioxidante; e o de alface tem ação suavizante, com propriedade refrescante.

Mas o aproveitamento dos produtos da feira não pára na produção dos sabonetes. Apenas o caldo das hortaliças é usado na confecção dos sabonetes. A fibra que sobra do processamento desses alimentos também é aproveitada. Iuná repassa a fibra para produtores de pães e bolos, que também são vendidos na feira agroecológica.

Laércio Severiano é outro produtor que, assim como o casal Iuná e Clementino, reaproveita os alimentos de final de feira para fazer garrafadas (medicamentos extraídos de árvores) e xaropes. A vontade de trabalhar com esses produtos fitoterápicos começou com as leituras que ele fazia enquanto ainda trabalhava em uma biblioteca, onde lia enciclopédias, livros e revistas de ciência. E a vontade aumentou quando, em um programa de TV, assistiu a uma entrevista de uma farmacêutica de Olinda/PE, que falava sobre fitoterápicos artesanais. Ele conseguiu agendar uma entrevista com ela, fez amizade, e já se passam 20 anos que Severiano faz esse trabalho.

Para fazer esses produtos de maneira eficaz, Severiano procurou cursos e treinamentos em universidades onde pôde estudar, ir a congressos e eventos. Tudo está registrado em um documentário que fez relatando o seu trabalho nos eventos. “Foi uma forma de comprovar tudo o que fiz para aprender a fazer os fitoterápicos artesanalmente”, afirma.

A funcionalidade dos produtos feitos por Laércio é comprovada por especialistas da região. Tanto que, há 14 anos, o produtor participa de um projeto chamado



Camille Soares

Alface, tomate, pepino e cenoura são algumas das hortaliças impróprias para alimentação, que são transformadas em sabonetes

“Criança 2000”, através do qual distribui gratuitamente os xaropes e garrafadas a crianças que recebem receita médica. As finalidades dos fitoterápicos são as mais variadas, desde problemas respiratórios, asma, tosse e gripes até verminose, anemia e desnutrição. Todos os xaropes são

feitos com a sobra das feiras. As garrafadas são produzidas com cascas de árvores medicinais. O xarope é vendido a R\$ 3 e a garrafada a R\$ 7. “Além de tudo, posso complementar a minha renda”, ressalta. Ele denominou o seu trabalho como “Medicina Popular”. ■

GPS

Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
Fone: (51) 2102.7100 - Porto Alegre/RS
allcomp@allcompgps.com.br

MORANDO NA FAZENDA

Morar na fazenda é uma delícia, sobretudo agora que podemos contar com a televisão paga, via satélite, e com a internet em quase toda parte. Digo “quase toda” porque comprei um negócio caríssimo, que me custa 80 dólares/mês, e não funciona justamente onde mais preciso dele: na fazenda dos netos.

Funcionar... funciona, mas depende de sair com o laptop à procura de sinal, geralmente no alto de um morro. A bateria do computador, suposta para agüentar 6 horas, abre o bico depois de hora e meia de trabalho, às vezes menos. Também, ninguém agüentaria ficar ao sol, no alto de um morro, durante seis horas, só por conta de pegar o sinal da internet.

Coisa curiosa: morei séculos na roça e não senti a menor falta de computador, até porque a engenhoca de mesa ainda não tinha sido inventada. Nas cidades, havia computadores imensos, ocupando andares inteiros refrigerados a 20°C. A primeira máquina de mesa, que vi numa fazenda, custou na Europa a bagatela de US\$ 30 mil. Foi no final da década de 70, pois me lembro do carro em que viajei para a tal fazenda: um Opalão 74, de seis cornetas, que comprei usado.

Dona Margerite Dutilh van Schelle, fazendeira em Campinas e minha querida amiga, tinha um filho que se iniciava na informática rural. Ainda me lembro do meu espanto quando soube da intenção do menino, pois nunca imaginei que o computador tivesse aplicação agropecuária. Hoje, decorridos 30 anos, não se dá um passo pelo interior sem trombar com a informática.

Morar na fazenda, mas morar mesmo, o ano inteiro, depende de uma série de fatores: casais sem filhos não têm o problema das escolas. Casais com filhos em idade escolar podem ter a sorte de morar numa fazenda próxima de boas

escolas, ou, então, precisam montar casa na cidade.

Com os filhos adolescentes – naquela fase dos namoricos, das festinhas – é muito difícil conseguir que passem os finais de semana na roça. Problema que se agrava quando as filhas são mocinhas, pelo risco de hospedar a raça infame dos candidatos a genros.

Primeiro, porque os gabirus só andam a galope. Do cavalo, não conhecem outro andamento que não seja o galope. E não caem, mesmo não sabendo montar. Tive cavalos passarinhos e disparadores, que reservava para os candidatos a genros. Os jovens galopavam tanto que os passarinhos não tinham tempo de passarinhar. Os malucões, dois cavalos de hípica, tomavam os freios nos dentes e disparavam de volta para a fazenda sem derrubar os marrecos.

Com os filhos casados, talvez fosse possível deixá-los na cidade, para que os velhos pudessem curtir a roça. O diabo é que, nesta onda de divórcios que vai por aí, quando os filhos se casam os velhos já estão separados. Impossível pensar em reunir, numa só fazenda, os filhos e os netos de todos os casamentos e descasamentos que caracterizam as atuais famílias brasileiras.

Até hoje, só conheci quatro netos bem-educados. Por sinal, netos do grande Maurício Verdier, sócio de David Rockefeller e Walther Moreira Salles na imensa Fazenda da Bodoquena, MS, com 450 mil hectares. Acho que já falei dos meninos aqui n’A Granja. Hoje, devem ser cinquentões. Se o leitor os conhece, me conte, por favor, se continuam educadíssimos.

Eram quatro guris, na faixa dos seis aos dez anos (em 1960), que o avô obrigava a secarem o banheiro, com rodo de borracha, depois do banho noturno – mesmo contando com 22 empregadas

domésticas na sede da empresa rural.

Na hora de pegar e arrear os cavalos, a mesma coisa: os netos pegavam a tropa no piquete e arreavam cavalo por cavalo. Calculo que a empresa tivesse, entre jardineiros, terreiros e funcionários diversos, só no entorno da sede, cerca de 100 pessoas. Mas os netinhos pegavam e arreavam a tropa, com a seguinte condição: de volta do passeio, eram obrigados a lavar os cavalos. Para evitar que os meninos se perdessem no passeio, ou fossem atacados por uma onça, das muitas que havia na Serra da Bodoquena, o avô mandava um empregado acompanhá-los. E era só.

Morei séculos na roça e não senti a menor falta de computador, até porque a engenhoca de mesa ainda não tinha sido inventada

Tentei introduzir o sistema na fazenda dos meus netos, sem sucesso. Primeiro, porque os cavalos foram substituídos por quadriciclos, motos, caminhões, tratores e outros veículos motorizados, que os meninos dirigem melhor que o avô. Dia desses, um deles, de 7 anos, caiu num rio transportando o irmão menor. Como primeira providência, resgatou o irmão. Só depois descobriu que tinha quebrado o braço. O gesso foi posto para ficar um mês. Com duas semanas, um retireiro, que deve ter estudado ortopedia, diagnosticou a cura e ajudou a cortar o gesso, lá mesmo no curral. Estava curado. Difícil, mesmo, é arranjar um avô em condições emocionais de suportar tantas estripulias. ❏

ANÚNCIO



TRIGO: PRODUTORES INDIGNADOS

As razões da bronca de quem produz trigo são bem compreensíveis: hoje a tonelada do cereal é estimada em US\$ 170, enquanto o mercado internacional aponta para valores em torno de US\$ 340. Uma parte dessa diferença obedece à aplicação de taxas na ordem de 28% sobre as exportações do cereal. O restante se perde no emaranhado de ações do Governo para reduzir o preço do pão para o consumidor argentino. Assim, a advertência dos dirigentes rurais é concreta: a desnaturalização de um mercado como consequência da intervenção estatal leva à geração de canais e mecanismos precários e incertos e obriga os operadores (também exportadores) a cobrir seus eventuais riscos reduzindo diretamente os preços oferecidos aos produtores. O certo é que o mercado do trigo está cada vez menos previsível nesse contexto.

TRIGO Apesar das perdas ocasionadas pelas geadas de novembro passado, a produção de trigo nacional é estimada em 15,2 milhões de toneladas, 1 milhão a mais do que foi colhido na safra anterior.

SOJA Até metade do mês de janeiro, haviam sido plantados 95% dos 16,9 milhões de hectares previstos para a safra 2007/2008. São esperadas chuvas que revertam o cenário seco que vem acompanhando o cultivo da lavoura.

CARNE O gado começou o ano com uma demanda bastante tranquila e preços em baixa. Contudo, estima-se que o comportamento do mercado neste primeiro semestre de 2008 deveria ser exatamente oposto ao quadro atual.

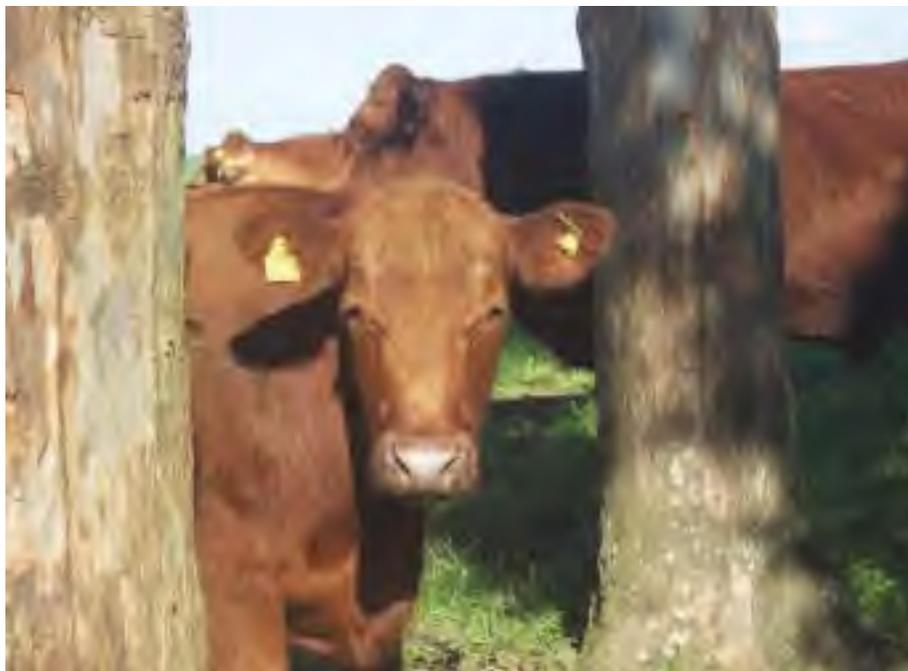
PARA CIMA

Um informe privado da consultora Investigaciones Económicas Sectoriales indica que a rentabilidade e solvência das empresas agrícolas se mantiveram em 2007 “amplamente positivas”, com os preços internacionais das matérias-primas do setor, que aumentaram, em média, 40%, e uma colheita que alcançará as 100 milhões de toneladas. O estudo assinala que a alta dos preços internacionais das commodities “compensa os recentes incrementos das taxas de exportação e dos custos de exploração dos cultivos, que variam entre 15% e 30%”. Depois da colheita recorde de grãos em 2006/2007, de 95,2 milhões de toneladas, a previsão agora é de uma nova expansão durante a atual safra. O crescimento está baseado em um aumento na área a ser plantada, particularmente de alguns cereais, como o milho, cuja área passaria a 4 milhões de hectares, 12,8% acima de 2007.

LEITE Depois de 30 dias de luta, os produtores conseguiram que seja respeitado o preço cobrado por eles em novembro passado (0,83 peso por litro) e firmaram um acordo com a indústria e o Governo, que pode evitar novas crises no futuro.

VERDE-AMARELO

O grupo brasileiro Marfrig, um dos três principais frigoríficos do Brasil e o segundo exportador da América Latina para a União Européia, não cessa seu avanço sobre as plantas argentinas. Em janeiro, o grupo apostou forte e adquiriu ativos locais: AB&P, em Hughes (Santa Fé), Estancias del Sur, em Unquillo (Córdoba), Best Beef, em Vivotatá (Buenos Aires), e, recentemente, ficou com 70,5% do pacote acionário do Quickfood (US\$ 140 milhões), somando um desembolso total no País superior a US\$ 200 milhões, com o qual selou sua condição de grande processador e exportador de carnes do Mercosul. Os novos planos da companhia na Argentina superaram os US\$ 15 milhões para ampliar e modernizar as plantas frigoríficas e a produção de alimentos processados.



SPD E A INTEGRAÇÃO LAVOURA-PECUÁRIA

Júlio Cesar Salton e Gessi Ceccon, pesquisadores
Embrapa Agropecuária Oeste

O Sistema Plantio Direto (SPD) possui como fundamentos a ausência de revolvimento do solo, cobertura permanente do solo e a rotação de culturas. Estes fundamentos são imprescindíveis para a obtenção de todos os resultados possíveis e das vantagens comparativas aos demais sistemas de produção. No entanto, especialmente na região Centro-Oeste do País, verifica-se certa dificuldade em atender plenamente estes requisitos, seja pelas condições climáticas, que dificultam a produção de massa vegetal de culturas temporárias no período de entressafra, ou pelas poucas opções econômicas para compor sistemas de rotação de culturas.

O “Rally da Safra” de 2007 (Bastos F^o et al., 2007) fez uma avaliação da situação do SPD no Brasil apresentando interessantes resultados, como o índice de adoção de 97%, informado pelos produtores. Mas, para a cobertura do solo, avaliada em mais de 700 propriedades, o levantamento resultou em índices superiores a 50% apenas para a Região Sul (RS, SC e centro-sul do PR), enquanto que nas demais regiões avaliadas situou-se entre 29% e 37%. As principais espécies utilizadas para forma-

ção da palhada são a aveia no Sul, o milho safrinha na região Centro-Sul e o milheto na região Central.

Quanto ao fundamento rotação de culturas, embora não tenha sido avaliado, pode-se estimar que sua adoção seja muito pequena, pois a área de cultivo do Cen-

tro-Oeste tem enorme predomínio da soja, ocupando mais de 80% da área cultivada no verão. Dessa área, menos de 30% é cultivado com milho e algodão, resultando grandes extensões sem cultivos, com o solo descoberto e improdutivo (veja tabela).



Segundo levantamento, metade de 700 propriedades visitadas tem índices superiores a 50% de cobertura de solo na Região Sul (RS, SC e centro-sul do PR), enquanto que nas demais regiões ficou entre 20% e 37%

Fotos: Embrapa Agropecuária Oeste

Uma dupla de sucesso:
na colheita da safra e
na recuperação do solo.

Imediatamente após a colheita, remova o resíduo do solo.
Recupere-o, eliminando os restos culturais que ficaram.

Carreta Graneleira
Força e resistência para transportar sua colheita com segurança a rapidez. Modelos para 120, 140, 175 e 200 sacos.

Arado Falso
É usado a partir da colheita para aplainar a parte do solo, corrigindo os rastros de pneus e estradas. Indispensável quando se deseja repetir o plantio na mesma área.

Distrito Industrial - Santa Maria-RS
F: (55) 3222.7710
www.agrimec.com.br

Os problemas decorrentes da ausência de cobertura do solo e de rotação de culturas são facilmente perceptíveis, com o aumento das perdas por erosão, maior infestação de pragas e doenças, degradação da estrutura e compactação do solo, aumento da infestação e resistência de plantas daninhas, maior ocorrência e severidade de doenças de solo, aumento da população de nematóides, maior ação de veranicos sobre as plantas, pelo menor armazenamento de água no solo, entre outros. O somatório deste conjunto de fatores resulta em aumento dos custos de produção e, o que é mais grave, na menor sustentabilidade da agricultura como um todo.

Para enfrentar esta situação dispõe-se de um conjunto de tecnologias capazes de viabilizar a plena adoção do Sistema Plantio Direto em praticamente todas as regiões do país. Tais tecnologias são sintetizadas no cultivo de espécies forrageiras, isoladas ou em consórcio com lavouras comerciais, com o objetivo de formar palhada e a integração lavoura-pecuária como alternativa para rotacionar com a soja. Estas alternativas são extremamente viáveis e podem proporcionar um novo patamar de qualidade para os sistemas de produção, especialmente na região Centro-Oeste do Brasil, onde os problemas apontados são mais graves.

Conforme Salton (à esquerda) e Ceccon, a integração e o SPD estão interligados, pois a possibilidade de semeadura sem o preparo do solo e substituição de pastagens por lavouras pode ser efetuada de forma rápida e econômica

Forrageiras — O cultivo de espécies forrageiras para cobertura do solo é uma importante alternativa. Essas espécies possuem características que proporcionam maior produção de massa vegetal, mesmo em condições adversas, nas semeaduras de safrinha (fevereiro a março), logo após a colheita da safra de verão (soja), situação em que as plantas se beneficiam da temperatura e umidade ainda favoráveis, mantendo o crescimento mesmo durante o período de seca.

Em Primavera do Leste/MT, Lamas & Staut (2006) avaliaram espécies forrageiras semeadas em março e obtiveram produções de 3 toneladas/hectare de massa seca de milho e em



torno de 9 toneladas/hectare de *Bracharia ruziziensis*, quando avaliadas em dezembro. Valor semelhante foi encontrado

Área com as principais espécies comerciais no Centro-Oeste (Safrá 06/07)

Culturas	Estados				Total Centro-Oeste
	MT	MS	GO	DF	
	Área x 1.000 ha				
Feijão	40,4	21,5	130,0	17,9	209,8
Girassol	22,0	8,9	17,9	0,3	49,1
Milho safrinha	1.421,3	740,2	244,7	7,7	2.413,9
Sorgo	106,6	70,7	244,4	6,3	428,0
Trigo	0	30,3	14,0	2,7	47,0
Algodão	542,0	45,6	76,7	1,6	665,9
Arroz	280,3	42,1	120,1	0,2	442,7
Soja	5.124,8	1.737,1	2.191,4	51,8	9.105,1
Milho safra	171,0	98,0	540,3	36,5	845,8
					11.059,5

Fonte: Conab, 2007





por Ferreira et al. (2007), em Santa Helena de Goiás/GO com *B. ruziziensis* semeada em março e avaliada em novembro, enquanto que o milheto produziu pouco mais de 5 toneladas/hectare.

Estes ganhos em quantidade de palha aportada ao solo podem contribuir para o atendimento do fundamento do SPD, proporcionando cobertura permanente do solo, facilitando a diversificação da atividade agrícola e possibilitando a introdução da pecuária em áreas de lavoura. Nas regiões onde

normalmente ocorre o cultivo de milho safrinha, é possível efetuar o consórcio de forrageiras através da semeadura em linhas intercalares com o milho, de forma simultânea, possibilitando assim a produção de grãos e formação de palhada. Tal sistema pode resultar em ótimas quantidades de palha, conforme demonstrado por Ceccon et al. (2007), os quais obtiveram, em três locais de Mato Grosso do Sul, produtividades em torno de 3 toneladas/hectare de grãos de milho e em novembro dispunham de 3,5 a 6,5 toneladas/hectare de palha sobre o solo.

Além da cobertura do solo pela parte aérea, devem-se somar os importantes efeitos proporcionados pelo sistema radicular das forrageiras, que além de ser fonte de matéria orgânica para o solo, resulta na formação de macroagregados estáveis, maior porosidade e redução da compactação do solo. Os bons resultados obtidos em experimentos e em áreas extensivas têm estimulado o uso de espécies forrageiras para formação de palha. Outros fatores importantes são a maior oferta de sementes, com qualidade e preços acessíveis, e o domínio da tecnologia para manejo da palhada com herbicidas.

Lavoura e boi — Sistemas de integração lavoura-pecuária (ILP) podem ser implementados de diversas formas, como produção de silagem, fenação, utilização de forrageiras na entressafra para pastejo, mas têm na rotação de pastagens com lavouras o sistema mais completo, pois a mesma associa os ganhos econômicos com melhorias no solo, ganhos gerenciais e ambientais. A ILP e o SPD estão in-

timamente ligados, pois graças à possibilidade de semeadura sem o preparo do solo a substituição de pastagens por lavouras e vice-versa pode ser efetuada de forma rápida e econômica.

Este sistema de produção resulta, além da diversificação das atividades econômicas, no atendimento dos fundamentos do SPD em sua plenitude, pois a pastagem oferece cobertura total do solo e a alternância de soja com gramíneas forrageiras. Por exemplo, resulta na redução dos problemas fitossanitários e da infestação de invasoras, além dos efeitos benéficos à fertilidade e biologia do solo.

A ILP pode proporcionar maior ganho para o agropecuarista, com a alimentação de animais com as forrageiras cultivadas com as culturas anuais, além do recente aumento nos preços da carne, o que significa um importante estímulo à pecuária de corte. Esses são alguns dos fatores não inseridos nos custos de produção, mas que podem determinar a sustentabilidade da propriedade agrícola.

No entanto, muitos outros itens podem ser apontados como razões para a implantação de sistemas de ILP, que vão desde a redução da ocorrência de pragas e doenças em lavouras até a maior produção de forragem ao longo do ano, passando por maior sequestro de carbono e maior estabilidade econômica. Este sistema de produção possui um grande número de variações e possibilidades que permitem as adaptações às mais diversas situações, tanto de condições edafoclimáticas até estruturais das propriedades. ■



SEMEATO & PLANTIO DIRETO

"Legado para Futuras Gerações."



www.semeato.com.br

açúcar e álcool

EXPORTAÇÕES CRESCEM EM VOLUME, MAS CAEM EM RECEITA

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

No acumulado no ano de 2007, as exportações de álcool atingiram 3,47 bilhões de litros, incremento de 12% sobre 3,098 bilhões de litros embarcados entre janeiro e dezembro do ano anterior. No entanto, a receita obtida com a venda de álcool alcançou US\$ 1,48 bilhão, queda de 8% sobre igual período de 2006.

O preço médio do álcool embarcado caiu 18%, ficando em US\$ 0,43 o litro. Os dados são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

Na temporada comercial 2007/2008 os embarques já alcançam 2,446 milhões de litros, recuo de 2% sobre os 2,495 milhões de igual período do ano anterior. Já a receita obtida com a venda externa do álcool ao longo da temporada alcança US\$ 987,8 milhões, queda de 28% sobre US\$ 1,369 bilhão do ciclo imediatamente anterior.



Preço do açúcar no interior de São Paulo
(R\$/saca de 50 kg)

julho	23,50
agosto	25,00
setembro	24,53
outubro	23,60
novembro	23,30
dezembro	23,68
janeiro	24,30

O preço médio já acumula queda de 26%, girando nessa temporada em torno de US\$ 0,40 o litro.

No mercado físico, os preços do álcool no mercado paulista registraram novas quedas na primeira quinzena de janeiro. Conforme avaliação do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Universidade de São Paulo (USP), usinas estão ofertando o produto com preços

mais baixos. A idéia dos empresários é fazer caixa, o que acaba pressionando as cotações.

Na segunda semana de janeiro, o indicador Cepea/Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) do anidro teve média de R\$ 0,79915/litro (sem impostos), baixa de 3,3% na comparação com a semana anterior. Para o hidratado, a queda foi de 2,9%, a R\$ 0,71187/litro (sem impostos).

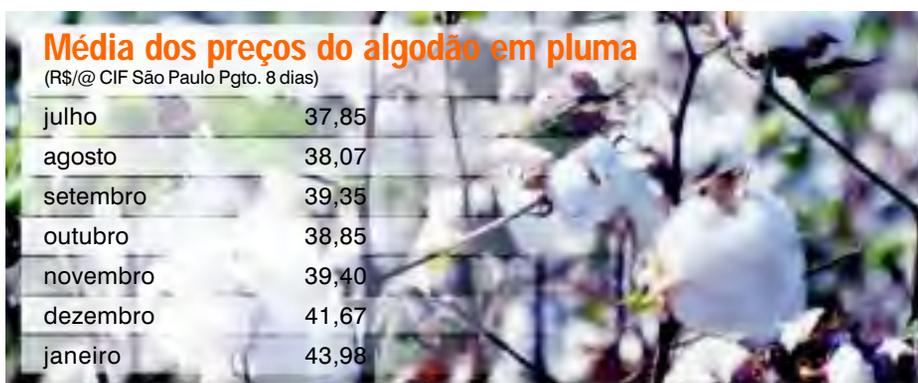
ALGODÃO

USDA REDUZ ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO MUNDIAL

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

O relatório de janeiro de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estimou a produção norte-americana de algodão em 19,03 milhões de fardos para a safra 2007/08, elevação na comparação com dezembro, quando a estimativa era de 18,99 milhões de fardos. As exportações em 2007/08 foram previstas em 16 milhões de fardos, recuando na comparação com o relatório anterior (16,2 milhões). O consumo interno do País foi projetado em 4,6 milhões de fardos em 2007/08, repetindo o mês passado.

Baseados nas estimativas de produção, exportação e consumo, os estoques finais norte-americanos foram previstos em 7,9 milhões de fardos para a temporada 2007/08 contra 7,7 milhões de fardos da projeção anterior. O USDA estimou a produção mundial de algodão em 118,25 milhões de fardos para 2007/08 contra 119,76 milhões



Média dos preços do algodão em pluma
(R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)

julho	37,85
agosto	38,07
setembro	39,35
outubro	38,85
novembro	39,40
dezembro	41,67
janeiro	43,98

da projeção do mês anterior. As exportações mundiais foram estimadas em 41,88 milhões de fardos para 2007/08 contra 41,38 milhões do relatório anterior. A estimativa para o consumo mundial é de 128,02 milhões de fardos para 2007/08 contra 128,27 milhões de outubro.

Pelas estimativas de produção, exportação e consumo, os estoques fi-

nais mundiais foram previstos em 54,75 milhões de fardos para a temporada 2007/08 - 55,29 milhões no mês anterior. A expectativa é de que a China colha 34,5 milhões de fardos na temporada 2007/2008 - 35,5 milhões previstos em dezembro. O Brasil tem safra estimada em 7 milhões de fardos. A produção indiana deve chegar a 25 milhões de fardos.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

CENÁRIO POSITIVO PARA 2008

As projeções para o mercado do complexo soja em 2008 são novamente positivas, com chances grandes de superar o bom desempenho médio de 2007. A previsão é do analista de Safras & Mercado Flávio França Júnior. “Apesar de não termos como precisar o sucesso ou não da safra sul-americana, cujo plantio recém foi encerrado e a tendência de incremento da área na nova safra dos EUA, existe uma combinação de fatores outra vez positivos para os preços, especialmente no lado do consumo, que não deve permitir o aumento expressivo dos estoques globais”, explica.

Com isso, a tendência de resultado financeiro é outra vez positiva para o setor em 2008. Os fatores são os seguintes: estoques mundiais e norte-americanos com queda expressiva em 2007/08 e com recuperação apenas limitada para 2008/09; apesar de num ritmo menor, a economia mundial deve continuar crescendo forte neste novo ano, mantendo no alto os números de consumo para todo o setor soja e complexo oleaginoso; preços médios na Bolsa de Chicago superiores à média de 2007; expectativa de câmbio pelo menos neutro

Soja em Cascavel/PR (R\$/60 kg)	
julho	30,65
agosto	33,54
setembro	38,06
outubro	38,07
novembro	41,78
dezembro	43,24
janeiro	44,83

para a temporada, invertendo os prejuízos aos produtores brasileiros ocorridos nos últimos anos.

“Como reflexo dessa combinação, teríamos mais um ano de margens brutas positivas aos produtores, mantendo a linha de recuperação iniciada em 2007”, ressalta França Júnior. Entretanto, lembra o analista, para que os preços continuem a escalada observada neste último ano para patamares muito acima dos atuais, necessariamente será preciso que ocorram perdas significativas nas safras sul-americana ou dos EUA. “O que é uma variável com grandes possibilidades em tempos de La Niña, pelas previsões de chuvas mais modes-

tas e irregulares”, alerta.

Já no lado negativo, a maior limitação e ameaça para esse cenário positivo viria em duas frentes: alguma alteração brusca no comportamento da economia mundial, diante das incertezas geradas pela crise do setor imobiliário norte-americano, pelos altos preços do petróleo e pela administração de câmbio e juros na China; e pela sempre possível surpresa positiva para cima na safra mundial na hipótese de clima favorável. “Ainda assim, mesmo com todas essas hipóteses baixistas para os preços, o mercado internacional ainda se manteria em patamares muito superiores à média histórica”, completa.

Agilize a comunicação em sua empresa

Use os radiocomunicadores da ADR3

Vendas, Locação e Assistência Técnica

- Rádios ICOM
- Rádios Bowmar
- Rádios Oregon

Ligue: (11) 3645-0021

vendas@adr3.com.br



Portáteis, Móveis, Repetidoras e Acessórios



MILHO

Arno Baasch - arno@safra.com.br

MERCADO COM DIAS DE LENTIDÃO E PREÇOS ESTÁVEIS

Em dezembro, o mercado brasileiro de milho esteve fraco. Os preços ficaram estáveis, com compradores e vendedores ausentes. Na segunda quinzena, apareceram ofertas no Paraná, que pressionaram os preços, e a movimentação foi prejudicada com as festas de fim de ano. Com a entrada de 2008, nada mudou. Os dias têm sido quietos e de preços estáveis. Conforme o analista de Safras & Mercado Paulo Molinari, houve destaque apenas para os leilões do governo.

Com as exportações, em dezembro, o Brasil arrecadou um total de US\$ 177,1 milhões. A média diária de embarques atingiu US\$ 8,9 milhões, uma baixa de 28%, se comparada à média diária de US\$ 12,3 milhões de novembro. Em novembro, os embarques de milho renderam US\$ 245,9 milhões.

O volume total de milho embar-



Média dos preços do milho (R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)	
julho	16,12
agosto	19,47
setembro	23,89
outubro	23,48
novembro	29,13
dezembro	28,94
janeiro	28,33

cado ficou em 901,7 mil toneladas, com média diária de 45,1 mil toneladas, 29,3% inferior à média diária de 63,7 mil toneladas embarcadas em novembro. Os números foram divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), órgão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. O preço médio pago pelo milho em dezembro foi de US\$ 196,4 a to-

nelada, valor 1,8% acima do que foi pago em novembro, US\$ 192,9. Ainda há a estatística do embarque de janeiro para fechar o ano comercial, o qual deverá ficar abaixo de 500 mil toneladas. Porém, um número próximo a 11 milhões de toneladas parece bastante claro neste momento. O ano de 2008 sugere a continuidade de uma boa demanda de exportação.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safra.com.br

PARA CONAB, SAFRA 2008 NÃO PASSA DE 44 MILHÕES DE SACAS

O ano iniciou repleto de balanços e divulgações no mercado de café. A Companhia Nacional do Abastecimento (Conab), juntamente com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou o aguardado levantamento para a safra 2008, cuja colheita iniciará nos próximos meses. O número ficou abaixo das expectativas do mercado e surpreendeu positivamente os investidores da Bolsa de Nova Iorque. Já o conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) soltou o balanço final das exportações no ano de 2007, além de fazer projeções para o ano que recém iniciou. A produção nacional de café beneficiado em 2008 deve variar entre 41,3 milhões e 44,2 milhões de sacas de 60 quilos, de acordo com o primeiro levantamento feito pela Conab. Do total, 76% são do tipo arábica e 24%, do robusta. O intervalo representa um crescimento de 22,4% a 30,9% em relação à safra recém-colhida de 33,7 milhões de sacas. Conforme a Conab, “o bom resul-



Preço para bica corrida do sul de Minas (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
julho	230,00
agosto	250,30
setembro	254,95
outubro	252,95
novembro	245,70
dezembro	258,10
janeiro	263,20

tado se deve a bianualidade positiva da cultura”. A partir desta edição, a Conab passou a adotar apenas o ano da colheita como referência do período da safra. O IBGE, por sua vez, está indicando uma produção de 41,8 milhões de sacas de 60 quilos em grãos beneficiados. A previsão de um acréscimo de 16,3% frente à safra colhida em 2007 é consequência do ciclo bianual da espécie predominante (arábica), com alternância de altas e baixas produtividades, típicas do produto.

Em 2007, as exportações totais de café chegaram a 28.021.462 sacas, com uma elevação de 2,4% na comparação com o ano de 2006, quando os embarques foram de 27.359.370 sacas. A receita total com as exportações de café em 2007 foi de US\$ 3,858 bilhões, com ganho de 17% sobre 2006 (US\$ 3,297 bilhões).

ARROZ

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

REDUÇÃO NOS NÚMEROS DO ESTOQUE DA CONAB NÃO SURPREENDE

Junto a seu quarto levantamento da safra brasileira 2007/08, no qual indicou a produção de arroz em 11,941 milhões de toneladas - um acréscimo de 5,5% sobre as 11,316 milhões de toneladas de 2006/07, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou nota explicativa sobre a alteração considerável nos dados de estoques do cereal indicados no levantamento. Conforme a nota oficial, a companhia detectou “inconformidade no seu quadro de suprimento de arroz, em especial à projeção do estoque de passagem para a safra 2006/07”.

O novo número de estoque ficou em 1,74 milhão de toneladas, sendo 87% de estoque público, muito acima dos números anteriores, que indicavam estoques em 505 mil toneladas.

Após tal ajuste no quadro de oferta e demanda, o mercado doméstico do

Preço do arroz irrigado em Alegrete/RS (R\$/50 kg)	
julho	21,68
agosto	23,11
setembro	23,76
outubro	22,89
novembro	21,93
dezembro	22,27
janeiro	23,59

cereal apresentou comportamento normal, evidenciando que os principais agentes do mercado já consideravam tal panorama durante as negociações. Os negócios continuaram ocorrendo em escalas reduzidas, mas já apresentando maior liquidez. Conforme o analista de Safras & Mercado Tiago Barata, embora a retração da oferta reflita uma valorização no-

minal do cereal, tal situação não interessa a ninguém, pois não há realização de negócios. “Sem dúvida alguma estamos diante de uma janela de oportunidades aos poucos produtores que ainda têm arroz. Seria de fundamental importância que ocorressem negócios para consolidar os preços ‘virtualmente’ anunciados”, conclui Barata.

TRIGO

Antenor Salvoldi Jr. - antenor@safras.com.br

PREÇOS FIRMES E MERCADO TRAVADO NO BRASIL

Com o mercado argentino inacessível, a entrada de moinhos no mercado brasileiro em busca de trigo provocou um aumento nas cotações internas do cereal. No entanto, no início de janeiro as negociações permaneceram travadas, com compradores e vendedores estudando ofertas, enquanto as cotações mantiveram-se firmes. Os preços indicados no Paraná ficam entre R\$ 650 e R\$ 700 a tonelada, conforme a praça. No Rio Grande do Sul, além da região, os preços variam conforme a qualidade do produto, ficando entre R\$ 480 e R\$ 510 por tonelada. Nos portos argentinos, o cereal está cotado a US\$ 330 a tonelada para a venda.

Em Chicago, após a recente parada de preços, o cereal apresentou retração nos valores. Entre os motivos, o posicionamento no aguardo do relatório de oferta e demanda que o Departamento de Agricultura

Média mensal do preço do trigo em Maringá/PR (R\$/tonelada)	
julho	518,00
agosto	576,96
setembro	640,00
outubro	606,96
novembro	556,50
dezembro	606,67
janeiro	637,78

dos Estados Unidos (USDA) divulgou no dia 11 de janeiro, a realização de lucros e uma redução no ritmo de demanda externa pelo cereal norte-americano. Além disso, há indícios de que fundos especuladores estão buscando um reposicionamento neste início de ano, reduzindo suas posições no mercado do trigo e aumentando sua carteira no mercado do

milho.

No entanto, a estimativa de plantio nos Estados, com aumento abaixo do esperado pelo mercado, acabou por refletir de maneira positiva para os contratos do cereal. O trigo de inverno nos Estados Unidos, em 2008, deverá ocupar 46,6 milhões de acres, com crescimento de 4% sobre o total semeado no ano passado.

PARQUE DA EXPODIRETO COTRIJAL GANHA MELHORIAS

A Expodireto Cotrijal 2008 se aproxima e seguem os investimentos em melhorias no parque que sedia a feira, em Não-Me-Toque/RS. Visando a facilitar a visitação pelo público, mais uma etapa do calçamento está sendo concluída. Para a nona edição, de 10 a 14 de março, toda a avenida que liga o Espaço do Meio Ambiente ao Recanto Temático e à área de produção animal, incluindo o trecho localizado nos fundos dos pavilhões de animais, estará calçada. Dezenas de funcionários trabalham também em obras de manutenção, na reposição e no corte de grama, na capina e no preparo das parcelas demonstrativas da área de produção vegetal, do Espaço da Família Rural e do Espaço da Natureza Cotrijal. Em 2007, a Expodireto Cotrijal recebeu 131.700 pessoas e a expectativa para 2008 é de que esse número seja superado.



Divulgação

BAHIA FARM SHOW JÁ TEM DATA

A feira de tecnologia agrícola e negócios do Oeste da Bahia vai se chamar Bahia Farm Show. O evento ocorre de 3 a 7 de junho, em Luís Eduardo Magalhães/BA, e é organizado pela Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) e Fundação Bahia. A feira vai reunir revendas de máquinas, implementos e insumos agrícolas, além de oferecer uma vasta programação de dinâmicas, palestras e cursos. Para o presidente da Aiba, Humberto Santa Cruz (foto), a realização de um evento de grande porte é indispensável ao oeste baiano, mais importante pólo de agronegócios do Estado e um dos principais do País. “A feira coloca em evidência o potencial e as vantagens competitivas da região. Além disso, gera negócios, atrai investimentos e apresenta ao público o que há de mais recente em tecnologia para todas as cadeias produtivas”, afirma.



Divulgação

TECOM COMPRA 13 FORD CARGO 4532-E

Depois de apurar os bons resultados das unidades Ford Cargo 3222, em operação no porto de Rio Grande/RS, a Tecom ampliou a parceria que mantém com a Allison Transmission desde 2002. Desta vez, a frota de Terminal Tractors foi ampliada com a compra de mais 13 unidades Ford Cargo 4532-E equipados com transmissão automática Allison S3200. Cinco vão para o Porto de Salvador (BA), e as outras oito reforçarão a frota do Porto de Rio Grande (RS). A Allison Transmission, Inc. é a principal fornecedora mundial de transmissões automáticas para uso comercial e de sistemas híbridos de propulsão.



Divulgação

SOS SOJA DA BAYER SE DESTACA NO MONITORAMENTO

Na safra 2006/2007, das 2.778 ocorrências de ferrugem asiática registradas pelo Sistema de Alerta da Embrapa em todo o País, 44% foram identificadas

pelo SOS Soja, programa da Bayer CropScience realizado em parceria com instituições públicas e privadas de pesquisa, para o monitoramento da doença que mais preocu-

pa os sojicultores, pelos significativos danos que causa à produção de soja. Nesta safra, até meados de janeiro, o Sistema de Alerta já registrou 195 ocorrências nas

principais regiões produtoras de soja. Deste total, 41% foram identificadas pelo programa SOS Soja da Bayer CropScience. Como tem abrangência nacional, o pro-

ARACRUZ: US\$ 3,5 BILHÕES NA EXPANSÃO

A Aracruz Celulose vai investir, nos próximos cinco anos, cerca de US\$ 3,5 bilhões, entre terras e florestas, fábrica e infra-estrutura, em projetos de expansão da sua Unidade Guaíba/RS — que passará a produzir 1,8 milhão de toneladas anuais de celulose, com a inauguração da nova fábrica em 2010 — e da Veracel. Esta última, *joint venture* entre a Aracruz (50%) e a Stora Enso (50%), se prepara para a construção de uma nova fábrica, com capacidade para produzir 1,4 milhão de toneladas anuais de celulose (700 mil toneladas correspondem à participação da Aracruz), com entrada em operação prevista para 2012. A Aracruz já investiu cerca de US\$ 300 milhões na compra de terras e na formação de florestas para os dois projetos.



A Granja

TRACBEL É “CONCESSIONÁRIA DIAMANTE” DA MASSEY FERGUSON

Ao completar 40 anos de história, a Tracbel S.A., distribuidora de máquinas agrícolas Massey Ferguson em Minas Gerais e norte de São Paulo e também de equipamento pesado de outros fabricantes, recebeu de Fábio Piltcher (foto), diretor de marketing da AGCO do Brasil, o título de “Concessionária Diamante” do Programa Massey Ferguson de Excelência em Gestão 2007 (PMFEG). O programa busca, de forma contínua, qualificar a rede de concessionárias Massey Ferguson, além de estabelecer um padrão de excelência a ser cumprido pela rede. “Quanto mais alto o padrão de atendimento de nossas concessionárias, melhor estará sendo atendido o nosso cliente. Nosso foco central está relacionado diretamente aos itens que afetam o cliente final, como, por exemplo, qualidade e treinamento dos mecânicos, tempo do atendimento e retorno do serviço”, explica Piltcher.

Divulgação

RAMENTO DA FERRUGEM

grama permite o esforço coletivo de sojicultores, técnicos, institutos de pesquisa e indústria, para redução dos riscos de uma epidemia em larga escala da ferrugem asi-

ática no País. O SOS Soja atua para que produtores e técnicos possam controlar melhor a propagação da doença e evitar grandes prejuízos com a proliferação da

ferrugem. O monitoramento das ocorrências de ferrugem asiática pelo Sistema de Alerta Embrapa integra o Consórcio Antiferrugem, criado em 2004.

ANOTE AÍ

A Estação Experimental de Arroz do Irga, em Cachoeirinha/RS, sedia, de 28 de fevereiro a 2 de março, a 18ª edição da Abertura Oficial da Colheita do Arroz. O evento dará visibilidade às áreas de pesquisa e extensão da instituição e irá envolver a comunidade da região metropolitana de Porto Alegre. Mais informações no site do Irga: www.irga.rs.gov.br e pelo telefone (51) 3470.0600

Entre os dias 13 e 15 de fevereiro de 2008 a Fundação MS realiza, em Maracaju/MS, o Showtec 2008, considerado o maior evento tecnológico do agronegócio do Centro-Oeste brasileiro. Promovido pela Fundação MS, o Showtec tem como principal objetivo a difusão de tecnologias aplicadas aos mais diversos setores da agricultura, de modo a otimizar os sistemas de produção, melhorando a rentabilidade do produtor rural e garantindo a sustentabilidade do agronegócio nacional. Mais informações no site www.fundacaoms.com.br e pelo fone (67) 3454-2631

A Feicana/Feibio (Feira de Negócios do Setor de Energia) 2008 ocorre entre 26 e 28 de fevereiro, em Araçatuba/SP, com previsão de movimentar negócios na ordem de R\$ 1,5 bilhão. A feira, que se tornou uma das mais importantes do setor de energia, tem a participação de empresas nacionais e estrangeiras, o que torna o evento conhecido no mundo todo. A Feicana/Feibio 2008 terá 300 expositores de máquinas, equipamentos e componentes, além de empresas do setor de serviços. Mais informações no site www.feicana.com.br e pelo fone (18) 3624.9655

SEBO BOVINO SEM ICMS

A Secretaria de Estado da Fazenda de Mato Grosso (Sefaz) reduziu a zero a base de cálculo do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) nas operações de saídas internas de sebo com destino a estabelecimentos produtores de biodiesel (B100). A medida visa a fomentar a produção de biodiesel a partir do sebo bovino. Em Mato Grosso, grande parte da produção desse combustível é obtida utilizando-se como matéria-prima grãos e oleaginosas. Vale destacar que o diferimento vale apenas para operações realizadas no Estado. Para as interestaduais, a tributação é normal.



Divulgação

MINAS GERAIS PODE GANHAR CENTRO DE BIOENERGIA

O governo de Minas Gerais pretende criar um centro de bioenergia, projeto orçado em US\$ 100 milhões, que já está em análise pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A idéia é construir quatro plataformas de produção de bioenergia: uma de etanol, no Triângulo Mineiro; uma de biodiesel, no norte do Estado; uma de carvão vegetal, no Vale do Aço, onde estão concentradas as siderúrgicas mineiras; e outra de biogás a partir de biomassa, em

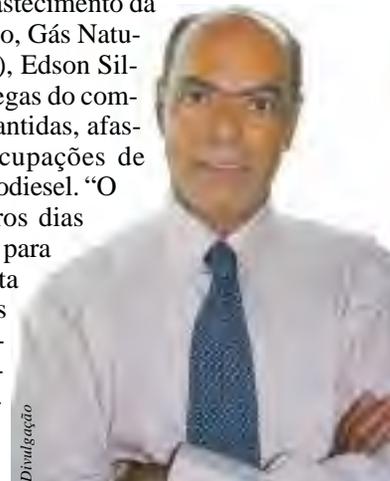
local ainda não definido. A informação foi divulgada pelo coordenador do programa de Energia da secretaria estadual de Ciência e Tecnologia, Marcelo Franco. Segundo ele, a expectativa do governo mineiro é de que o BID aprove a liberação de recursos para o projeto ainda este ano. Além de trabalhar na atração de investimentos do setor privado em bioenergia, Franco informa que o Estado pretende ampliar os aportes no fomento de pesquisas.

PETROBRAS INAUGURA USINA DE BIODIESEL

A primeira usina de biodiesel da Petrobras, instalada no município de Candeias/BA, deve entrar em operação no início de abril. Resultado de um investimento de R\$ 78 milhões, a planta vai produzir 57 milhões de litros do combustível por ano, a partir de óleo obtido de vegetais. Para garantir o fornecimento de matéria-prima, a estatal já fechou acordo com dez cooperativas baianas de pequenos produtores e deverá costurar novas parcerias. Inicialmente, a previsão é beneficiar 35 mil agricultores familiares. “Já estamos estocando óleo e vamos dar partida na planta com capacidade plena de produção”, informa George Luís Dias Mendes, gerente de implantação do Projeto Biodiesel Candeias. Diferente de outras empresas que apostam na verticalização da produção com a compra de áreas de plantio, a Petrobras pretende fortalecer a parceria com a agricultura familiar. “Não vamos comprar terra nem esmagadoras. Nossa intenção é estimular o cooperativismo e a melhoria da produção familiar.”

ALTA DA SOJA NÃO PREJUDICA BIODIESEL

O superintendente de Abastecimento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), Edson Silva (foto), garante que as entregas do combustível renovável estão garantidas, afastando assim algumas preocupações de analistas sobre escassez do biodiesel. “O que vimos desde os primeiros dias da mistura e o que esperamos para o futuro está garantido, oferta confortável é esperada nas próximas semanas... Os mecanismos de controles institucionais nos permitem afirmar que não haverá falta”, assegura. No Brasil, cerca de 90% do biodiesel é produzido a partir de soja, o segundo produtor mundial da oleaginosa. Uma alta nos preços globais do grão, que atingiram recorde em janeiro, e a demanda dos produtores de biodiesel elevaram os valores do óleo de soja de maneira acentuada.



Divulgação

BIONASA BUSCA AGRICULTORES DA BAHIA

A Bionasa vai contratar agricultores do Oeste baiano para o fornecimento de girassol, cuja finalidade é gerar biodiesel. O investimen-

to será de R\$ 256 milhões e a unidade, localizada em Porangatu, norte de Goiás, começa a funcionar em julho. Inicialmente, a fabricação será de 220 mil tonela-

das do biocombustível por ano, volume que deve dobrar quando atingir a capacidade plena, prevista para 2010. Da produção inicial, cerca de 160 mil serão produ-

zidas a partir do girassol. A soja e a gordura animal serão as outras duas matérias-primas complementares que a empresa pretende adquirir. O presidente da

FUMO MAIS BIODIESEL NO RS

O presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Benício Albano Werner (foto), visitou, no início de janeiro, duas lavouras de girassol integrantes do projeto mantido pela entidade para diversificação das propriedades de fumicultores. A primeira lavoura a ser visitada foi a do fumicultor Romeu Schuster, de Linha Sampaio, interior de Mato Leitão/RS. Em Passo do Sobrado/RS, a lavoura de um hectare de girassol do fumicultor Alessandro Hochs-

cheidt chamou a atenção pela qualidade das plantas. O Presidente da Afubra afirma que as visitas foram importantes para verificar o andamento do segundo ano de um projeto de estudo de diversificação da propriedade fumicultora e da agricultura familiar. “O primeiro ano do projeto deu ótimos frutos, tanto na extração do óleo quanto nos resultados obtidos pelos produtores que alimentaram seus animais com a torta do girassol”, comemora Werner.



Divulgação

Bionasa, Francisco Barreto, destaca as vantagens do girassol: a facilidade de adaptação no cerrado brasileiro, resistência à falta de água, ao frio e ao calor

e alto teor de óleo – em torno de 40%. Toda a produção da fábrica será exportada para a Europa, Estados Unidos e Ásia.

ANP PREVÊ ANTECIPAÇÃO DO B5

A capacidade instalada do País para a produção do B2 já é suficiente para viabilizar a antecipação da meta de adição de 5% de biodiesel ao produto mineral – prevista inicialmente somente para 2013. A garantia é da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). A capacidade instalada do País hoje é de 2,5 bilhões de litros de biodiesel, volume que dobrará em pouco tempo, pois já estão em análise pedidos de autorização para a construção de novas usinas. Já são 49 usinas autorizadas, capazes de produzir os 2,5 bilhões de litros por ano, e outras 44 estão em fase de exame na Agência.

AMAZONAS PRODUZIRÁ BIODIESEL DE DENDÊ

Em dois municípios do extremo oeste da Amazônia (Atalaia do Norte e Benjamin Constant, no Amazonas), 100 famílias vão plantar 75 mil mudas de dendzeiro em 500 hectares, com o objetivo de produzir biodiesel. O programa é patrocinado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), no valor de R\$ 3,350 milhões, com tecnologia da Embrapa Amazônia Ocidental (Manaus/AM), Secretaria de Estado de Produção Rural (Sepror) e Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas (Idam). A previsão é de que a partir de 2012 a plantação

já esteja produzindo pouco mais de 2 mil toneladas anuais de biodiesel de dendê, o que representará 25% do óleo diesel consumido para geração de energia elétrica nos dois municípios. A intenção é de que o óleo seja comprado pela geradora de energia para que o dinheiro circule nas comunidades, aumentando a oferta de emprego e renda local. Cada família vai receber 5 hectares de plantio da oleaginosa em suas propriedades. O projeto vai fornecer adubo, mudas e a assistência técnica, enquanto as famílias entram com a mão-de-obra.



Robinson Cipriano/Embrapa

DOIS NOVOS HÍBRIDOS DA AGROCERES

A Sementes Agrocerec lançou dois híbridos de milho para a Região Sul: para a safra de verão, o AG 8015, e para a safrinha, o AG 9040. O híbrido AG 8015 é recomendado para a Região Sul (PR, RS e SC), nos plantios do cedo e de época normal, em todas as altitudes. O AG 9040 possui ótima qualidade de colmo e raiz, o que facilita a sua colheita, já que possui tolerância ao tombamento e quebraamento.

Sementes Agrocerec - Av. Nações Unidas, 12901 - Torre Norte - 7º andar - São Paulo/SP - CEP 04578-000 - Fone: 0800-156265 - www.sementesagrocerec.com.br



Divulgação

FUNGICIDA FAIXA VERDE DA ARYSTA LIFESCIENCE

A Arysta LifeScience conta com mais um produto em sua linha de fungicidas. É o Penncozeb, com formulação WG, faixa verde, da família dos Mancozebs. O Penncozeb é o único no mercado com essas características. Destinado ao mercado de horticultura, Penncozeb é registrado em todos os Estados para as culturas de to-



Divulgação

mate, batata, banana, feijão e citros.

Arysta LifeScience
Rua Jundiá, 50
4º andar
São Paulo/SP
CEP 04001-904
Fone: (11) 3054-5000
www.hokko.com.br

BIOGENE, A NOVA MARCA DA PIONEER

Com a proposta de levar sua tecnologia aos produtores de milho de médio investimento, a Pioneer lançou uma nova marca, a BioGene. E já para a safra 2008, a BioGene comercializará dois híbridos: o BG7060, para o verão na Região Sul, e o BG7049, para o centro do País, tanto para a safra verão como para a safrinha. Os híbridos possuem características especiais para o mercado de médio investimento, como a elevada adaptação para os ambientes onde são recomendados, além de uma menor exigência tecnológica e o menor custo das sementes.

Pioneer Sementes - Rodovia BR 471, km 49 - Caixa Postal 1009 - Distrito Industrial - CEP: 96810-971 - Santa Cruz do Sul/RS - Fone: (51) 3719-7700 - www.pioneersementes.com.br



Divulgação

DISTRIBUIDOR DE ADUBO E CALCÁRIO DA INRODA

O distribuidor de adubo e calcário IDAC, da Inroda, foi desenvolvido para resolver os problemas na distribuição de calcário seco ou úmido, adubo granulado, gesso, sementes, etc. O equipamento possui disco distribuidor com caixas de transmissão e engrenagens, o que proporciona uma distribuição mais uniforme, mesmo em baixa velocidade, pois não usa correias. A esteira é modulada em aço, podendo conduzir pequenas ou grandes quantidades de material em qualquer velocidade e relevo.



Divulgação

Inroda Máquinas Agrícolas - Rua Piauí, 810, Santana - CEP: 18700-030 Avaré/SP - Fone: (14) 3711-3000 www.inroda.com.br

Divulgação

TRÊS TOMATES DA ISLA

A Isla lançou três novas cultivares de tomate: o pêssego híbrido, o híbrido akrai e o san marzano. O pêssego tem o tamanho do fruto mediano de 6 a 7 centímetros de altura, de 5 a 6 centímetros de diâmetro e peso em torno de 100 gramas; o akrai alcança de 200 a 250 gramas, de formato globular, e o fruto alcança 5 centímetros de altura e de 7 a 8 de diâmetro; o san marzano é do tipo italiano, de fruto firme e uniforme, com formato cilíndrico alongado de 60 gramas a 70 gramas.

Isla Sementes Ltda. - Av. Severo Dullius, 124 - Porto Alegre/RS - CEP 90200-310 - Caixa Postal 3142 - Fone: 0800.709.5050 - www.isla.com.br



Divulgação

FIQUE LIGADO

Engenharia Bioenergética da Uniara

O Centro Universitário de Araraquara – Uniara –, localizado no interior do Estado de São Paulo, oferecerá à comunidade acadêmica estu-dantil um novo curso de engenharia. O curso deverá ser uma completa inovação em termos de ensino nesta área, devido a sua diferenciação do conteúdo curricular visando aos recursos bioenergéticos. E também por-que deverá caracterizar um novo formato de perfil profissional, para um novo mercado que atualmente está em franca expansão, que é a produ-ção e o controle dos biocombustíveis.

A engenharia bioenergética está diretamente relacionada com os recursos bioenergéticos, que são compostos por uma matriz energética baseada em biocombustíveis e bioenergias e que têm por princípio serem renováveis e ambientalmente sustentáveis. Os recursos bioenergéticos são compostos por biocombustíveis (etanol, biodiesel, biogás e biomassa, entre outros) e bioenergias (eólica, solar, do mar, geotérmica, células de hidrogênio e hidráulica, entre outras).

Assim, primeiramente, poderiam ser utilizados como combustíveis para automóveis e caminhões o etanol, biodiesel, biogás e energia elétrica gera-da a partir de recursos bioelétricos. Para os aviões, o etanol. No caso dos navios, o biodiesel; e no dos trens, o biodiesel e a energia elétrica gerada a partir de recursos bioelétricos. No caso da geração de calor poderiam ser utilizadas a biomassa e a energia elétrica gerada a partir de recursos bioelétricos. No caso da geração de eletricidade poderiam ser utilizados os seguintes recursos bioelétricos: etanol, biodiesel, biogás, biomassa e ener-gias eólica, solar, do mar, geotérmica, células de hidrogênio e hidráulica.

Com isso, vemos que os recursos bioenergéticos de forma geral são uma excelente alternativa para a substituição dos combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás natural, entre outros). É claro que, como em toda a nova tecnologia e/ou biotecnologia, existem alguns pontos a serem discutidos, como o querosene de aviação para aviões a jato e a utiliza-ção do etanol como uma das matérias-primas para a indústria petroquímica (etanoquímica). Mas nada que com pesquisa e estudo de novas alterna-tivas não seja possível.

Desta forma, a Uniara pretende também inserir no mercado um pro-fissional com conhecimentos mais adequados à realidade do País, desta-cando-se neste cenário a produção e gestão do etanol, os quais, serão num futuro próximo uma preocupação cada vez maior, devido à escas-sez dos combustíveis de fontes não-renováveis e também aos proble-mas gerados por esta produção com relação ao aquecimento global. O cenário otimista é apontado pelo governo como uma “oportunidade histó-rica” para consolidar o papel do Brasil de protagonista mundial na produ-ção e uso de combustíveis renováveis, que começam a se transformar em moeda para o desenvolvimento.

Portanto, diante deste cenário, a Uniara, como instituição empreen-dedora de ensino superior, pretende disponibilizar e ao mesmo tempo alertar com este novo projeto de curso. Uma futura necessidade de formação de novos profissionais para atender a uma demanda crescen-te do parque industrial brasileiro, por engenheiros que poderão atuar com maior flexibilidade na produção e gestão das agroenergias, otimizando seus processos produtivos e ao mesmo tempo buscando uma maior eficiência e eficácia de toda a sua cadeia produtiva.

Com destaque para a região Centro-Sul do País, onde estão os Esta-dos com maior produção de biocombustíveis, a Uniara é a única institui-ção do Estado de São Paulo a oferecer o curso, sendo que em todo o Brasil há quatro instituições atualmente com cursos semelhantes. Outras informações com relação aos processos seletivos encontram-se no site da instituição: www.uniara.com.br ou pelo telefone 0800.55.65.88.

Prof. Dr. Marcelo W. Anhesine
Coord. do Curso de Engenharia Bioenergética da Uniara

AGENDA

TecnoCampo 2008

8 a 9 de fevereiro

Centro de Pesquisa e Treinamento Dr. Romeu

Kiihl

Sorriso /MT

Descrição do evento:

Riqueza de conteúdo, maior contato entre empresas e participantes, boa infra-estrutura para realização do evento em todos os locais, concentração do evento em regiões de maior público e importância econômica são fatores que colaboram para a solidificação deste grande evento. A idéia é reunir em um único local todas as informações que os produtores precisam para uma boa safra.

Informações: (66) 3439-4100

E-mail: fundacao@fundacaomt.com.br

Show Agrícola 2008

20 a 23 de fevereiro

Parque da Água Branca – Palma Sola/SC

Descrição do evento:

Exposição de máquinas, implementos, dinâmica de máquinas em campo, lavouras demonstrativas. Será distribuído em uma área total de 40 hectares. A dinâmica das máquinas é um dos pontos-chave do evento, em que o produtor pode comparar as marcas presentes com as máquinas em funcionamento.

Informações: (49) 3652-0152

E-mail: showagricola@sementescrestani.com.br

18ª Abertura Oficial da Colheita do Arroz

28 de fevereiro a 02 de março

Estação Experimental do Arroz – Irga –

Cachoeirinha/RS

Descriminação do evento:

O evento dará visibilidade às áreas de pesquisa e extensão do instituto e irá envolver a comunidade da região metropolitana. O desafio é realizar um fórum de discussão sobre o arroz com os países do Mercosul.

O centro também receberá tecnologias de outros institutos de pesquisa e empresas privadas.

Informações: (53) 3243.6002/3243.2562

E-mail: federarroz@terra.com.br

ESCOLHA SEU TRATOR

Agrale

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
4100	37.000	—	—	—
4230.4 Cargo	54.096	—	—	—
4230.4 Cargo Compactador	52.001	—	—	—
4100.4	43.076	—	—	—
4100 GLP	39.294	—	—	—
4100 IND	39.294	—	—	—
4118.4	45.888	—	—	—
4230	40.900	—	—	—
4230.4	45.200	—	—	—
4230 IND	45.000	—	—	—
5075	76.000	—	—	—
5075.4	84.000	—	—	—
5075 Cafeeiro	85.500	—	—	—
5085	88.000	—	85.000	—
5085.4	92.000	—	66.000	—
5085.4 Arrozeiro	94.000	—	56.000	—
BX 6110	120.000	—	—	—
BX 6150	135.000	—	—	—
BX 6180	155.000	—	—	—

Case

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
MXM Maxxum 135	148.000	—	—	45.000
MXM Maxxum 150	165.000	—	150.000	—
MXM Maxxum 165	181.000	—	—	—
MXM Maxxum 180	198.000	—	—	—
Magnum 220	241.000	—	—	—
Magnum 240	264.000	—	—	—
Magnum 270	297.000	—	—	—



Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
5303	57.000	—	50.000	—
5403	65.200	60.000	50.000	—
5403 4x2	55.000	—	—	—
5603	75.000	70.000	65.000	52.000
5603 4x2	62.720	—	—	—
5605	78.600	74.000	68.000	55.000
5605 4x2	72.300	—	—	—
5705	88.000	85.000	76.000	64.000
5705 4x2	81.940	—	—	—
6415	113.000	100.000	92.000	75.000
6615	129.000	118.000	108.000	90.000
7515	149.000	136.000	—	100.000
7715	220.000	—	125.000	—
7815	245.000	—	—	—
8430	317.000	—	—	—



Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
Mistral DT 50 4x4	62.000	56.000	—	—
Technofarm R60 4x2	62.800	57.000	—	—
Technofarm DT 60 4x4	68.900	62.500	—	—
Technofarm DT 75 4x4	77.000	70.000	—	—
Rex DT 80 4x4	87.000	79.000	—	—
Globalfarm 100 4x4	98.500	89.000	—	—
LandPower 140 4x4 plat.	146.100	132.000	—	—
LandPower 140 4x4 cab.	161.400	132.000	—	—
LandPower 165 4x4 plat.	150.400	136.000	—	—
LandPower 165 4x4 cab.	165.400	150.000	—	—

Massey Ferguson

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
MF 250X F	49.800	—	—	30.000/25.000
MF 275 F	79.000	—	—	—
MF 283 F	85.000	—	—	—

MF 250 XE Advanced	54.000	—	—	—
MF 255 Advanced	54.000	—	—	—
MF 265 Advanced	69.000	—	—	32.000
MF 275 Advanced	70.000	69.000	50.000/36.000	45.000/30.000
MF 283 Advanced	80.000	—	60.000	—
MF 290 Advanced	84.000	—	—	40.000
MF 291 Advanced	104.000	—	—	—
MF 292 Advanced	108.000	82.000	80.000/55.000	52.000
MF 297 Advanced	117.000	—	78.000	—
MF 298 Advanced	120.000	—	—	—
MF 299 Advanced	130.000	—	85.000	—
MF 290 8x8 Shuttle Adv.	94.000	—	—	—
MF 5285	96.000	—	—	—
MF 5290	100.000	—	—	—
MF 5310	112.000	—	60.000	—
MF 5320	126.000	—	—	—
MF5290 8x8 Export	112.000	—	—	—
MF 660 HD	160.000	—	75.000	55.000
MF 680 HD	190.000	—	134.000/120.000	75.000
MF 6360 HD	230.000	—	—	—

New Holland

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
TT3840	62.000	60.000	—	—
TT3840F	—	—	—	—
TT3880F	—	—	—	—
TL60E	75.000	70.000	50.000	40.000
TL75E	84.000	80.000/65.000	75.000/40.000	50.000
TL85E	89.000	82.000	70.000	60.000
TL95E	100.000	90.000	78.000	70.000
TS90	105.000	—	—	—
TM135	165.000	150.000	130.000/85.000	—
TM150	175.000	160.000/95.000	140.000/90.000	—
TM165	180.000	160.000	145.000/95.000	—
TM180	210.000	190.000	—	—
TM135E	150.000	135.000	—	—
TM150E	160.000	140.000	—	—
T7040	220.000	—	—	—
T7060	240.000	—	—	—

Tramontini

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
3025	31.000	—	—	—
5045	43.000	—	—	—

Valtra

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
700	96.850	—	—	—
800	100.100	—	—	—
900	103.400	—	—	—
585 4x2	51.800	—	—	—
585	57.250	—	—	—
685C	71.700	—	—	32.000
785C	81.500	—	50.000	38.000
BF 75	72.050	—	—	—
685 ATS	71.700	—	—	32.000
BM100	111.250	—	65.000	—
BM110	119.200	—	91.000/75.000	—
BM120	122.350	—	—	—
BM 125	124.650	—	—	—
1280R	159.400	—	—	—
1780	187.250	—	99.000/84.000	70.000
BH145	149.000	—	—	—
BH165	155.700	—	—	—
BH180	189.950	115.000	110.000/85.000	80.000
BH 185	205.950	—	—	—

Yanmar

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
1030 standard	39.000	—	—	—
1050 turbo completo	54.000	—	—	—
1155 completo	71.000	60.000	—	—
2060 completo	76.900	—	—	—
1175 completo	84.000	—	—	—

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
Axial-Flow 2388	600.000	—	—	—
Axial-Flow 2399	650.000	—	—	—
Axial-Flow 8010	—	—	—	—



Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
1175	230.000	210.000	195.000	160.000
1175Hydro	270.000	250.000	230.000	190.000
1450	315.000	290.000	265.000	220.000
1550	371.000	350.000	315.000	280.000
9650STS	564.000	530.000	475.000	390.000
9750STS	623.000	585.000	530.000	430.000

Massey Ferguson

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
MF 5650 Advanced	300.000	—	225.000/150.000	185.000/100.000
MF 34 Advanced	450.000	—	290.000/230.000	—
MF 38	500.000	—	—	—
MF 32	380.000	—	—	—
MF 9790 ATR - Axial	690.000	—	—	—

New Holland

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
TC57/19PÉS	360.000	340.000	240.000	190.000
TC59/23PÉS	395.000	350.000	270.000	220.000
TC5090/25PÉS	440.000	—	—	—
CS660/30PÉS	520.000	480.000	450.000	—
CR9060	720.000	—	—	—

Valtra

Modelo	0 km	2007-2006	2005-2000	1999-1995
BC4500	320.000	—	—	—
BC7500-Axial	650.000	—	—	—

Informações fornecidas pelas respectivas empresas e/ou concessionárias de todo o Brasil com valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Os valores das tabelas podem variar de acordo com a região do País, acessórios, tipos de pneus, etc.

No caso de máquinas usadas, a variação ocorre segundo o estado de conservação das mesmas.



Estas tabelas estão disponíveis no site www.agranja.com

O Brasil de tantas cores e sabores é agora o Brasil dos tratores.

Novos Tratores John Deere 7715 e 7815. Feitos no Brasil, para o Brasil.



JOHN DEERE

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com



Trevo Branco, Trevo Vermelho,
Cornichão San Gabriel,
Cornichão El Rincón,
Festuca, Dactilis, Azevém E-284,
Aveia Preta e outras forrageiras



El Rincón Sementes Ltda-Av. Barão do Cerro Formoso 1012-Caçapava do Sul / RS-Fones: (55) 3281-4334 (55) 3281-5418

AGROPECUÁRIAS

Agroceu- Planejamento Agropecuário Ltda.
Fone: (45) 3266-2681
Céu Azul/PR

Agropaiva Ltda. Tudo para o homem do campo. Produtos agropecuários em geral.
agropaiva@terra.com.br
Fone: (34) 3241-9090.
Av. Senador Melo Viana, 211/225. Araguari/MG.
CEP 38442-192

Agropecuária Cambará – Trabalhamos com toda a linha para a agricultura e a pecuária. Fone / Fax : (49) 3275-2273
agrocambara@gmail.com
Av. Olinkraft, 2560
Otacílio Costa/SC
CEP: 88540-000

Agropecuária e distribuidora Criativa. Produtos vet. Linha completa, sem., pastagens e milho, distribuidor de rações Supra, milho Biomatrix, probióticos Organnact e linha Sanol Dog.
Fone: (42) 3227-5253

www.agrocriativa.com.br
Ponta Grossa/PR

Apoio Agrícola. Linha completa para a agricultura e também para a pecuária. Medicamentos veterinários, adubos, sementes e etc. Somos representantes do suplemento mineral Real H. Fone: (66) 3573-2889
apoio.agricola@terra.com.br
Paranatinga/MT

Comercial Agrícola Agro-Bento Ltda. Trabalhamos com toda a linha agrícola e veterinária. Fone: (54) 3453-1758.
Bento Gonçalves/RS
Peagro – Pecuária e Agricultura. Produtos Agropecuários.
Fone: (86) 3221-2917.
Rua Des. Freitas, 853
Centro Teresina/PI
CEP 64000-240

IMÓVEIS

Agrocomercial Wiser Ltda. Vendo uma fazenda em São João Del Rei /MG com 340 hectares, toda plana e com 40.000 pés de citros em produção.

Fone: (11) 4044-4300
Tratar com Sr. Luis Belém São Paulo/SP

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Adubos e fertilizantes. Fertiplanta Ind. e Com. de Fertilizantes. Fones: (19) 3641-1814/2485. Sítio São Camilo- Rod. Vargem – Casa Branca – Vargem Grande do Sul/SP.

Solo Fértil, fertilizantes, sementes, defensivos e fretes em geral. Atendimento com qualidade e precisão. Contato com Marcos ou Eduardo. Fones: (66) 3423-5070 (66) 9902-4347 ou (66) 9642-3650
Rondonópolis/MT

PRODUTOS DA LAVOURA

Agromendes Insumos-Especialista em Nutrição Foliar,marca Evolut. Micronutrientes, adubos, micronutrientes, inoculantes, enraizadores de última geração. Sementes de milho e sorgo Brasmilho.
www.agromendes.com.br

agromendes@agromendes.com.br
Fones:(44) 3568-1819 (44) 3523-0100 Mamborê/PR

Cereais Pagnussat Ltda. Tudo para a sua lavoura. O seu produto no lugar certo. Fone: (54) 3357-1345 Camargo/RS

Incoagro Máq. Insumos Agrícolas Ltda. Revenda padrão de peças e plantadeiras Semeato. Revenda de defensivos agrícolas, sementes de milho, fertilizantes. Fazemos pacote completo à base de troca safrinha (defensivos, adubo, semente). Fone: (65)3382-4141. Campo Novo do Parecis/MT

TCR Cereais Ltda. Compra, venda e assessoria com. de cereais, soja, milho, sorgo, milheto, arroz em casca, feijão e carozo de algodão. Fones: (77) 3628-6500 ou 9993-9056
wagner.tcr@hotmail.com
Luis Eduardo Magalhães/BA

SEMENTES EM GERAL

Sementes Germitec – Sementes de forrageiras de inverno e verão. Fone/fax: (55) 3332-4748.
sementes@germitec.com.br
Rod. BR – 285 Km 456
Ijuí/RS CEP 98700-000

Sementes Vigor Ltda. Trabalham com sementes fiscalizadas.
Fone: (64) 3612-4655
sementesvigor@dgmnet.com.br
Rua. Nizo Jaime de Gusmão,521 – 1º andar – Rio Verde/GO.
CEP 75901-240

SERVIÇOS

Agroplan Assessoria. Realizamos projetos de custeio e investimentos agrícola e pecuário. Resp. técnico: Eng.ª Agrícola Andréia Vitorello. Fones: (54) 9956-6290 e 9964-4121. Rua Vasconcelos 1071, Centro - Campinas do Sul/ RS CEP 99660-000

Agros Assessoria Agrônômica. Consultoria - Licenciamento Ambiental, Georreferenc. de imóveis



TUDO EM SISAL

- fios agrícolas (baller twine)
- fios naturais
- fios tingidos
- cordas
- telas
- tapetes e carpetes

CONHEÇA TAMBÉM...
Valente Tapetes e Carpetes de Sisal.

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Rodovia Luiz Eduardo Magalhães, KM 02 - Bairro Pedreira - Valente - Bahia - Brasil
CEP: 48841-000 - Fone: (75) 3263-2941 - Fax: 3263-2942 - CNPJ: 63.104.003/0004-75
Site: www.apaeb.com.br - E-mail: vestale@apaeb.com.br



O seu novo espaço para comprar e vender tudo o que você precisa

GRUPO J. DEMITO

CALTINS · NATICAL · D E M I L

Viabilizando produtividade com calcário de excelente qualidade para os Estados do Tocantins, Maranhão, Goiás e Bahia

(63) 3415 8500
www.jdemito.com.br

A MADEIRA QUE VOCÊ PRECISA PARA SUA PROPRIEDADE VOCÊ ENCONTRA NA AROEIRA MADEIRAS TRATADAS.

Além da qualidade, você encontra também a melhor opção para o seu projeto

Madeira de eucalipto tratado em autoclave com garantia.
Venda - mourão e esticadores para cerca.
Palaques e ripão para curral e etc.
Postes e varões para galpões, barracões e etc.

www.aroeira.net
aroeira@aroeira.net

Av. Aroeira, 156 - Via Acesso SP 255 - à Kaiser - CEP 14801-970 - CP 401 - Fone: (16) 3322-0242 - Araraquara - SP

rurais - Regularização de Barragens DRH. Fone: (53) 3243-4269
agrossassessoria@brturbo.com.br
www.georreferenciamento.net
Dom Pedrito / RS

Agrosat - Georreferenciamento de imóveis rurais. Agricultura de precisão. Fone: (45) 3222-2757. Rua Osvaldo Cruz, 2439. Cascavel/PR 85810-150

AgroVerde - Assistência Técnica e Planejamento Rural Ltda. Fones: (54) 3231-3268, (54) 9183-5955 e (54) 9954-7517
cristiano_zamboni@yahoo.com.br
Rua Independência, 440
CEP: 95200-000
Vacaria/RS

Avalisul Eng. Ltda. Topografia, georreferenciamento, avaliações, perícias, assistência técnica. Fone: (53) 3227-1690
avalisul@avalisul.com.br
Av. Bento Gonçalves 4263 / 204 Pelotas / RS

Gurufibras - Fabricação e recuperação em fibras de vidro (cochos

agropecuários, barcos, lixeiras e mais). Desenvolvemos projetos especiais sob encomenda. Fone: (63) 3351-2076
www.gurufibras.com.br
Gurupi/TO.

Jr Agro Ambiental - Serviços de Georreferenciamento cadastrado no INCRA - Projetos de Investimentos junto ao BRDE e outros Bancos - Consultorias Ambientais - Dir. Julio C. F.Gomes. Engº Agrôn. PG Ambiental. Fone:(55) 9975-5940/ 3322-5678
Cruz Alta / RS

Lavoura S/A - Com. e Exp. de cereais, sementes e insumos agrícolas, armazenagem e prestação de serviços. Fone: (46) 3220-1660 Fax: (46) 3220-1680
lavourasa@lavourasa.com.br
www.lavourasa.com.br
Pato Branco / PR

SR-Topografia e Agropecuária Ltda. Topografia e agropecuária em geral. Licenciamento ambiental,

EBOCAM Energia Móvel GERADORES

De 5 a 50 KWA
OU SOB MEDIDA



A EBOCAM, empresa sintonizada nas inovações, lança sua inédita linha de geradores. Conecte o gerador à tomada de força do seu trator e obtenha energia elétrica com mobilidade em qualquer situação: canteiros de obras, eventos em campo aberto, manutenção em campo de implementos, sistemas de ventilação e aquecimento de criadouros, sistemas de irrigação e drenagem. Ideal para acampamentos, edificações distantes, entre outros.

EBOCAM: tem trator, tem energia Acabe com os prejuízos com a falta da energia elétrica

Fone/Fax: (47) 3435-1756 - Rua Amo Waldemar Dolher, 1045 Bom Retiro 89219-030 - Joinville Santa Catarina - e-mail: ebocam@ebocam.com.br

georreferenciamento, projetos, sisleg. Fone: (45)3378-5389, Toledo/PR

TRATORES E IMPLEMENTOS

Máquinas e Equipamentos Agrícolas Ltda. Fone: (92) 3624-4437
multiamazonas@uol.com.br
Rua. Amancio de Miranda, 311, Bairro Educandos Manaus / AM
CEP 69070-000

OUTROS

Cairofrio Comércio de Peças p/ Refrigeração Ltda. Contato com o Sr. Odair pelo fone/fax: (11) 3224-5555. Alameda Gleite, 676, São Paulo/ SP
CEP 01215-001

Casa da Lavoura - O Homem do campo em 1º lugar. Prod. Agríc. Veterinários e mat. elétrico em geral. Apoio: Multifós suplem. Mineral para bovinos e rações em

geral. Excel-10 contra carbúnculo, botulismo e tétano. Ouro fino. Fone: (69) 3418-2333. Nova Brasilândia do Oeste/RO

Flecha Agrícola e Pecuária - Comércio de Produtos Agropecuários - Repres.Comercial - Rastreabilidade Bovina Fone: (65) 3225-1243
Av.Januário S.Carmo,169 Porto Esperidião/MT

Gaúcha Agrícola Ltda - Comércio de Agroinsumos - Venda de Fazendas - Fone: (77) 3616-2457
gauchaagricola@ig.com.br
Av. Formosa, 1585 - Centro - Formosa do Rio Preto / BA
CEP : 47990-000
Rodeio Negócios Rurais. Fone / Fax: (55) 3242-5239 ou cel: (55) 9973-2177. Rua: 24 de Maio, 253, Sala 103, Centro Santana do Livramento / RS CEP: 97573-450

PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE: (51) 3232-2288

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com

AGROBRINCO
AGROFLEX IDENTIFICAÇÃO ANIMAL LTDA.
Av. Pátria, 290 - Bairro São Geraldo
Porto Alegre - RS
Fones (51) 3343.2113 e 3343.5009
agroflex@agrobrinco.com.br
agroflex@brturbo.com
<http://www.agrobrinco.com.br>

SEMEIE MAIS LUCROS
Sementes para pastagens gramadas, leguminosas e óleo vegetal (Biodiesel)
PROSEMENTES
Travessa Santa Gertrudes 216
Araçatuba SP
Fone/ Fax: (14) 3622-1412
www.prosementes.com.br

www.agranja.com
Conheça o novo web site do Brasil Agrícola
ClassiRural / Cursos On-Line / Notícias Atualizadas / Revista A Grianja e AG Leilões / Cotações
Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agro Oportunidades / Agenda de Eventos
clique e descubra o mundo de informações
O BRASIL AGRÍCOLA agranja

sementespozza@hotmail.com - home page: <http://www.sementespozza.com.br>'."/>

Agroindustrial e Comercial Pozza Ltda
POZZA
tecnologia & sementes
Azevém, Aveia Preta, Aveia Branca
Gramas: Pensacola, Missioneira, Bermuda Grass
Trevos: Branco, Vermelho, Cornichão, Alfafa, Festuca,
Capim Lanudo
Sementes de Verão: Aveia Preta, Azevém, Trevos, Alfafa,
Pensacola, Aveia Branca URGs, UPF
Preços especiais - Aproveite
Av. Pastor Floghaus, 452 / Fone: (54) 3392.1081 - 3392.1110 - CEP 99495-000 - LAGOA TRÊS CANTOS - RS
e-mail: sementespozza@hotmail.com - home page: <http://www.sementespozza.com.br>



O seu novo espaço para comprar e vender tudo o que você precisa



Sementes aprovadas
e fiscalizadas

STYLOSANTHE CAMPO GRANDE - SEMENTES DE GRAMA BATATAIS
MG5 VITÓRIA, TIFTON D. CAPIM E EFANTE E CAPIM MASSAI,
BRIZANTHA, DECUMBENS, HUMIDICOLA, MG4 TANZANIA, BANSAO DO CAMPO,
DICTYONEURA, RHODES, SETARIA, MOMBACA, PENSACOLA, ARJANA.
(16) 3663-6636 / 3663-6556
* DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL.

OUTROS

AGROQUÍMICA PRODUTOS
AGROPECUÁRIOS LTDA
Rua dos Farrapos, 250
74453-090 - Goiânia/GO
Fone: (62) 3597.5050 / (63)
3414.4666 / (98) 3523.3452
www.agroquima.com.br
comunicacao@agroquima.com.br

GERDAU AÇOS LONGOS S/A
Rua Ceno Sbrighi, 170 / 6ª A.
Ed 11
Água Branca
05036-010 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3874.4076 - Fax: (11)
3874.4362
www.gerdau.com.br
pp@gerdau.com.br

REFRIBRASIL INDÚSTRIA E
COMÉRCIO LTDA - REAFRIO
Rua Euclides Mário Canalli, 361
Cx. Postal 82
89874-000 - Maravilha/SC
Fone: (49) 3664.3567 - Fax: (49)
3664.3567 www.reakrio.com.br
reakrio@reakrio.com.br

SALINOR - SALINAS DO NOR-
DESTE S/A
Rua do Mercado, 17 / 7º Andar
20010-120 - Rio de Janeiro/RJ
Fone: (21) 3861.7000 - Fax: (21)
2242.3044
www.salinor.com.br
comercial@salinor.com.br

COMÉRCIO DE FENO DE
CEREAIS LEFFERS LTDA
Chácara Regina - Colônia
Castrolanda
Cx. Postal 1013
84196-200 - Colônia
Castrolanda/PR
Fone: (42) 3234.1254 - Fax:
(42) 3234.1446
www.leffers.com.br
agrop.leffers@uol.com.br

INTECNIAL S/A
Rua Alberto Parenti, 1.133
99700-000 - Erechim/RS
Fone: (54) 3520.8100 - Fax: (54)
3520.8200
www.intecnial.com.br
comercial@intecnial.com.br

TORTUGA COMPANHIA
ZOOTÉCNICA AGRÁRIA
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2.066
13º Andar
01451-905 - São Paulo/SP
Fone: (11) 2117.7700 /
0800.0116.262
Fax: (11) 3816.6627
www.tortuga.com.br

DISPEC DO BRASIL
INDÚSTRIA COMÉRCIO DE
PRODUTOS AGROPECUÁRIOS
LTDA
Rua João Cardoso de Lima, 387 -
Pq Industrial
87065-150 - Maringá/PR
Fone: (44) 3266.1724 - Fax: (44)
3266.2151
www.dispec.com.br
dispec@dispec.com.br

IRFA - QUÍMICA E
BIOTECNOLOGIA INDUSTRIAL
LTDA
Estrada do Lami, 6.133 - Belém
Novo 91780-120 - Porto Alegre/
RS
Fone: (51) 3258.1333 - Fax: (51)
3258.1241

UNIBRAS AGROQUÍMICA LTDA
Rua Uruguai, 2.100 - Pq Indl Quito
Junqueira
14075-330 - Ribeirão Preto/SP
Fone: (16) 3628.1010 - Fax: (16)
3628.1123
www.unibras.com.br
atendimento@unibras.com.br

ZM BOMBAS
Rua Pioneiro Paschoal
Lorenceli, 733
87065-210 - Maringá/PR
Fone: (44) 3028.0200 - Fax: (44)
3028.3700
www.zmbombas.com.br
vendas@zmbombas.com.br

OURO FINO SAÚDE ANIMAL
LTDA
Rod Anhangüera Sp 330 Km 298
Dist Indl
14140-000 - Cravinhos/SP
Fone: (16) 3518.2000 - Fax: (16)
3518.2000
www.ourofino.com
sac@ourofino.com

L AMORIM - ADITIVOS E
SUPLEMENTOS
Av. Benjamin Constant, 1.360
Cx. Postal 526
14871-090 - Jaboticabal/SP
Fone: (16) 3203.1990 -
Fax: (16) 3203.1990
www.estibion.com.br
estibion@estibion.com.br

FABRICA DE TRONCOS E
BALANÇAS ROMANCINI LTDA
Rod Br 277 Km 460 - Trevo
Cx. Postal 125
85301-970 - Laranjeiras do Sul/PR
Fone: (42) 3635.1564 /
0800.420.080 - Fax: (42)
3635.1564
www.romancini.com.br
troncos@romancini.com.br

POTENSAL NUTRIÇÃO E SAÚDE
ANIMAL LTDA
Rua Arnaldo Lozano Gonçalves, s/
nº Cx. Postal 001
19360-000 - Santo Anastácio/SP
Fone: (18) 3263.9000 - Fax: (18)
3263.9000 www.potensal.com.br
potensal@potensal.com.br

RATOS?
MORCEGOS?
EX-RATTER
TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS



Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA

TEL: (35) 3292-1824
FAX: (35) 3292-4320
Caixa Postal 101 - Cep 13130-000
Aflênias - MG
bte@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br



Conheça o novo site do Brasil Agrícola

www.agranja.com

Classurial | Currículos On-Line | Matérias Atualizadas
Revista A Granja | Revista AG Leilões | Cotações | Previsão do Tempo |
Produtos e Serviços | Agro Oportunidades | Agenda de Eventos



Clique
e descubra
o mundo d-
informações

Faça a sua assinatura on-line

LUCAS MILL
Serrarias Portáteis

- Peso: 285 - 310kg completo
- A máquina vai até a terra
- Uma peça é montada em 15min
- Diário de trabalho
- Aparelho de ataque incluído
- Local para tocos de grande diâmetro
- Criado por uma só pessoa

Lucas Mill Brasil Ltda Tel: (61) 3468 4318
www.lucasmill.com.br mail@lucasmill.com.br

Aproveite sua madeira:
ECOSERRA flex

Para pedir mais informações: www.serrariaportatil.com.br
Tel: (61) 3468 4318



Flavio Prezzi

Presidente e CEO da Arysta LifeScience

O AGRONEGÓCIO PRECISA DE AGILIDADE

A Arysta LifeScience completa 40 anos de atuação no Brasil em 2008. Quais são os principais destaques dessa trajetória?

A Arysta iniciou suas operações no País como Hokko do Brasil, uma empresa com origens japonesas e com uma visão agrícola focada no produtor, desenvolvendo uma equipe altamente especializada para prestar serviços técnicos e orientação agrônômica, inicialmente nos mercados de hortaliças, flores e frutas. A indústria criou uma longa e forte tradição no relacionamento com os produtores e, assim como todas as empresas multinacionais do setor de agroquímicos, passou por várias fases de expansão e crescimento. Em 2001, com a integração global da empresa, que tem sua matriz em Tóquio, no Japão, adotou também no Brasil o nome Arysta LifeScience. Hoje, a Arysta LifeScience do Brasil está presente em outros cultivos importantes como cana-de-açúcar, algodão e soja, com uma equipe de campo especializada e uma rede de distribuidores em todas as regiões agrícolas do País, oferecendo produtos diferenciados como o herbicida Select, líder no segmento para a cultura da Soja e o Dinamic, herbicida exclusivo para a cana-de-açúcar.

Quais são os projetos e investimentos da empresa para 2008?

A Arysta LifeScience, a partir do Brasil, gerencia toda a América do Sul. Isto tem uma importância de liderança muito grande, porque aqui possuímos um Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Agrícola em Pereiras/SP, que desenvolve trabalhos não somente para o Brasil e a América Latina, como para outras regiões do mundo. Aumentamos todos os anos o nosso nível de investimento neste centro de pesquisa e temos como meta obter, ain-

da este ano, a certificação internacional de GLP (Good Laboratory Practices – Boas Práticas de Laboratório), que atesta a qualidade dos trabalhos realizados nesse local. Também no Estado de São Paulo, em Salto de Pirapora, temos nossa moderna planta de formulação que, além dos nossos produtos, também formula produtos para muitas outras empresas de agroquímicos. Recentemente, inauguramos uma nova unidade para formular herbicidas líquidos e temos planos aprovados de expansão que incluem uma nova unidade para formulação de herbicidas granulados. Em relação ao mercado, temos grandes ambições, suportadas por planos de introdução de novos produtos principalmente no mercado de cana-de-açúcar, que é o segmento de maior crescimento, para atender à demanda mundial de etanol. Além disso, uma das principais áreas de trabalho em 2008 são as ações de Product Stewardship, criadas para colocar em prática projetos socioambientais e programas que visem ao desenvolvimento sustentável da agricultura.

Na sua opinião, quais são os principais desafios para a indústria de defensivos no Brasil?

O maior desafio está na falta de agilidade em fatores que impactam diretamente a evolução da indústria e que influenciam na capacidade competitiva do Brasil internacionalmente. Precisamos de maior agilidade na obtenção de registros de produtos e tecnologias. Precisamos de maior agilidade no desenvolvimento de infra-es-

trutura de estradas, transporte e portos. Precisamos de maior agilidade na definição de políticas agrícolas e, principalmente, na implementação de soluções definitivas que ajudarão os produtores brasileiros, como, por exemplo, o Fundo de Recebíveis do Agronegócio (FRA), que vem se arrastando por anos. A ampliação e agilidade no diálogo com as autoridades e com as diferentes representatividades da cadeia produtiva e exportadora agrícola são o único caminho. Precisamos de agilidade!

O ano de 2007 foi excelente, e estas boas condições para o crescimento do setor devem continuar em 2008 e em 2009

Quais são as suas expectativas para o agronegócio brasileiro no ano de 2008?

Contrariando todas as previsões existentes até 18 meses atrás, o mercado agrícola brasileiro entrou em um novo ciclo de crescimento. Parte desta onda de crescimento foi gerada pelo efeito dominó criado pelo projeto americano de produção de etanol. Com a demanda de milho nos Estados Unidos para produção de álcool, a área de produção de soja nos EUA foi espremida e abriu uma grande oportunidade para o Brasil produzir a soja. Por outro lado, a demanda instantânea de etanol mundial abriu outra grande perspectiva para o Brasil investir na produção de álcool de cana. O crescimento da área de cana espremeu alguns outros cultivos, principalmente no Estado de São Paulo. Estes e outros fatores elevaram os preços de quase todas as *commodities*. O ano de 2007 foi excelente, e estas boas condições para o crescimento do agronegócio continuarão em 2008 e 2009, segundo nossos especialistas. ■

ANÚNCIO

ANÚNCIO